NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 20 a 26 de julho de 1962 — Nº 179

Truste Ianque Viola as Leis do Brasil: Tramways de Pernambuco Recusa-se a Entregar Bens Que Pertencem ao Estado

Texto na 3ª página

Artigo de PRESTES Sôbre a Situação Política

1 - Oposição ao Nôvo Gabinete
2 - Luta Pelas Reformas de Base
3 - Govêrno Nacionalista e Democrático

- Vigilância em defesa das liberdades democráticas
- Intensificar luta contra inflação e carestia
- Voto para os analfabetos e reforma eleitoral
- Registro para o Partido Comunista
- Participação maciça nas eleições de 7 de outubro para derrotar as fôrças entreguistas e a reação
- Apoio ao Congresso de Libertação Nacional

(Texto na 3ª página)

Militares Ianques Ocupam Território no Paraná

Em primeira mão, NOVOS RUMOS denuncia a ocupação de áreas do território brasileiro por militares norte-americanos. No Oeste do Paraná, na região de Cascavel, tem se verificado nos últimos tempos uma estranha movimentação de militares norte-americanos. Dispondo de aviões e meios de transporte terrestre, percorrem tôda a zona, fazendo levantamento fotográficos e outras pesquisas. A foto é de um dos aviões que estão sendo usados pelos ianques para explorar a região. A presença dos gringos deve ser explicada pelo govêrno. Êsse nôvo ato de intervenção deve cessar. Reportagem na 3a. página.

Comando da Greve Mobiliza Trabalhadores: Defesa da Liberdade Sindical Ameaçada

Reportagem na 2ª página

Elisabete denuncia o terror

A convite de um jornal carioca, esteve no Rio mais uma vez Elisabete Teixeira, viúva do líder camponês assassinado em Sapé, João Pedro Teixeira. O nome da destemida dirigente dos camponeses pobres de Sapé — que substituiu seu marido morto pelos capangas dos latifundiários — projetou-se novamente nos últimos dias com a tentativa de morte contra um de seus filhos, João Pedro (11 anos de idade), que foi gravemente ferido por um bandido assalariado dos fazendeiros. Elisabete veio ao Rio, participou de assembléias populares onde denunciou as violências cometidas a mando de alguns grandes proprietários rurais, inimigos jurados das ligas camponesas, concedeu entrevistas à imprensa, pediu a solidariedade e o apoio populares aos que lutam pela terra, contra a opressão do latifúndio, contra os crimes dos latifundiários. A valorosa combatente pela causa dos lavradores sem terra volta a Sapé firmemente decidida a prosseguir na luta.

Comunistas de São Paulo Repudiam Candidaturas de Jânio, Bonifácio e Ademar

Texto na 7ª página

Sábado (21) Comício em Vila Isabel

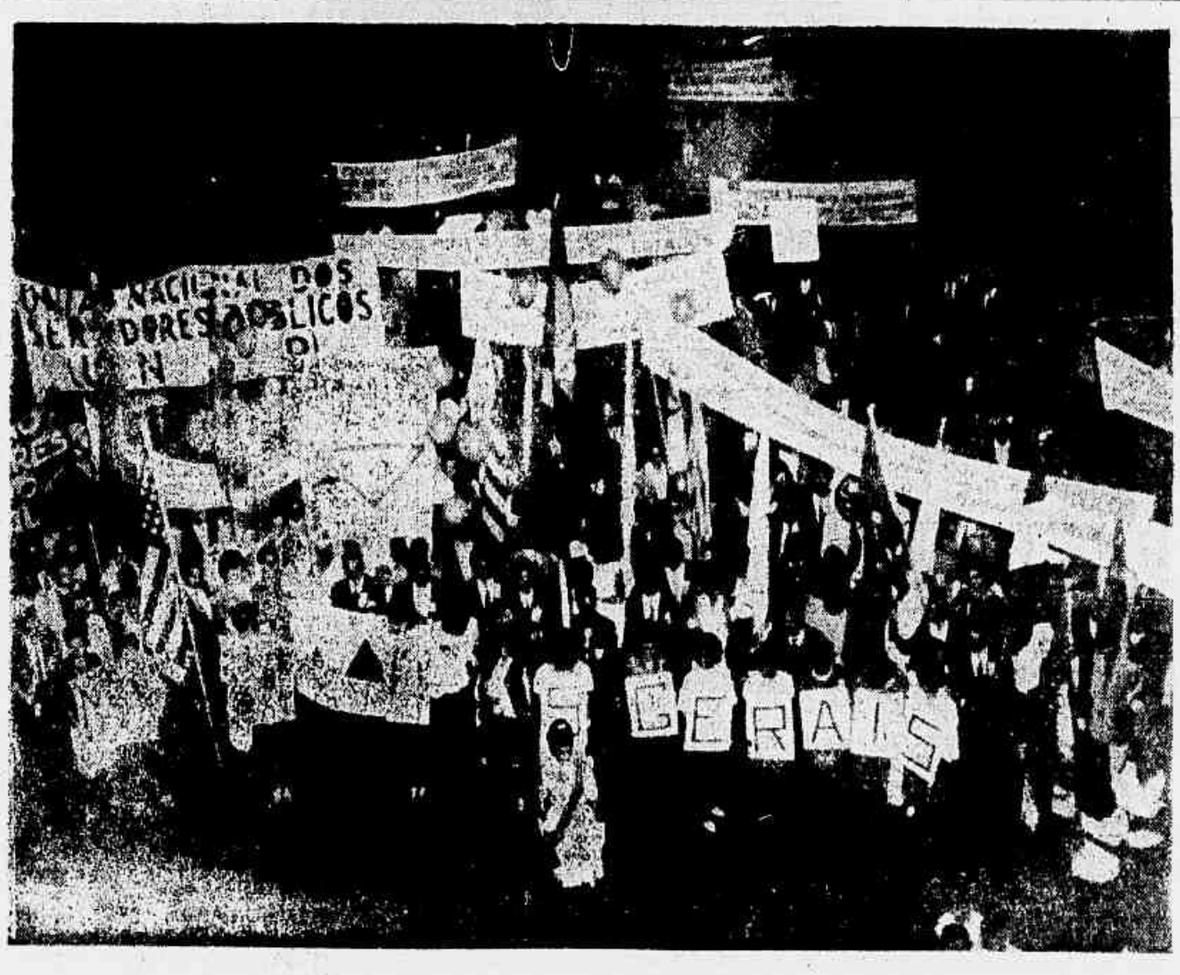
Sábado, dia 21, realizar-se-á na Praça Sete, em Vila Isabel, comício pela formação de um Parlamento Nacionalista e Democrático. Com o início marcado para às 19 horas, usarão da palavra na manifestação, entre outros o jornalista Marco Antônio Coelho e os deputados Hércules Correia, Paulo Alberto e Roland Corbisier.

Juízes Gaúchos Protegem os Latifundiários

A informação veio de Pôrto Alegre: «Por 20 votos contra 1, o Tribunal de Justiça do Estado deferiu o mandato de segurança impetrado pelos proprietários de 13 mil hectares de terras na zona da barragem de Capané, município de Cachoeira, desapropriada pelo governador Leonel Brizola para distribuição entre os agricultores sem terra».

E' possível que os juízes tenham carradas de razões de ordem jurídica para opinar negativamente aos interêsses da imensa maioria das nossas populações rurais e em favor dos interêsses dos latifundiários. Mas os preceitos jurídicos não caem dos céus: refletem uma ordem econômica estabelecida. E a ordem econômica dominante no campo, no Brasil, está de há muito perempta, não pode mais subsistir, violentando os interêsses vitais de 40 milhões de brasileiros, de 60% quase da população ativa do país.

O julgado do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul vem demonstrar uma vez mais a necessidade da organização e da luta das massas camponesas sem terra e de todos os camponeses pobres pela reforma agrária radical, isto é, pela liquidação do latifúndio. E' a Constituição que impede decisões jurídicas em favor dos sem-terra, como aconteceu no Rio Grande? Impõe-se então modificar a Constituição, eliminar todos os obstáculos por ela criados à reforma agrária. Mas a experiência histórica, em tais casos, mostra que sem a arregimentação e a luta das fôrças interessadas na mudança, esta não se efetiva. Não é possível esperar que os próprios latifundiários se decidam pela reforma agrária e a liquidação do latifúndio. Quando êles não têm a seu favor os tribunais, alugam capangas para a prática de crimes os mais hediondos, como vem acontecendo no Nordeste, no Estado do Rio, no Brasil Central. De qualquer forma, o que não é possível é se conformarem as massas camponesas com decisões como aquela do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Uma decisão do ponto-de-vista social e humano, inteiramente inadmissível.



Congresso da UNE Derrota Divisionismo Pago Pelo IPES

Texto na 5ª página

Barnabés de Todo o Brasil Exigem a Sindicalização

Reuniu-se em Belo Horizonte o Congresso Nacional do Funcionalismo. Mais de mil delegados participaram do certame, representando as associações da classe de todo o país. Além das sessões plenárias, onde se aprovou a exigência às autoridades de organização dos sindicatos de barnabés (respeitando direito a sindicalização), numerosas outras manifestações foram promovidas pelos congressistas na capital mineira, entre as quais uma grande passeata (foto ao lado) da qual participaram mais de cinco mil trabalhadores do Estado.

Comando Geral da Greve: Batalha Para Defender Liberdades Ameaçadas

O Comando Geral da Greve de 5 de Julho deverá apresentar, nos próximos dias, ao presidente da República e ao primeiro-ministro Brochado da Rocha um documento denunciando, mais uma vez, as violações às liberdades sindicais e democráticas na Guanabara e definindo a posição do movimento sindical face o nôvo Govêrno e apresentando sua opinião sôbre as medidas destinadas à solucionar os mais agudos problemas nacionais, entre os quais o da reforma agrária, da reforma bancária, da limitação da remessa de lucros para o exterior e do abastecimento de gêneros alimentícios à população brasileira.

DEFESA DAS LIBERDADES

Hoje, quinta-feira, o Comando Geral da Greve reúne-se com os membros da Comissão Permanente das Organizações Sindicais da Guanabara, às 9 horas, na sede da CNTI, para examinar a adoção de novas formas de luta em defesa da autonomia e das liberdades sindicais, notadamente no Estado da Guanabra, onde o Governador fascista Carlos Lacerda, utilizando-se da Lei de Segurança Nacional, lei odiosa e condenada pela consciência democrática da nação, prende e processa dirigentes sindicais, pelo fato de cumprirem as determinações de sua classe.

Tomando como base a prisão do presidente do Sindicato dos Rodoviários da Guanabara, Mecando Ravelli, e de mais 130 rodoviários, que ainda se encontram presos e respondendo a um processo fascista, o Comando Geral da Greve de 5 de Julho, reunido em caráter permanente, concluiu pela necessidade de se realizar uma ampla campanha em todo o território nacional, visando não sòmente à libertação dos líderes sindicais presos pelo governador Lacerda, mas a defesa efetiva da autonomia e das liberdades sindicais, em todo o País. Nesse sentido, já está decidido que tôdas as organizações sindicais devem se dirigir às autoridade federais protestando contra as violências praticadas na Guanabara e exigindo a libertação dos presos. Apelos também devem ser feitos às Câmaras Municipais e às Assembléias Legislativas, para que se manifestem contra a aplicação das leis fascistas e em favor da imediata aprovação da lei que regulamenta o direito de greve.

TERMINO DA GREVE

Com um acôrdo estabelecendo que nenhum trabalhador será punido pelo fato de haver participado da greve que paralisou, durante seis dias, os transportes rodoviários de carga da Guanabara, cessou, na noite do último dia 16, o movimento paredista, durante o qual mais de 300 profissionais do volante foram arbitràriamente presos e violentados em seus mais elementares direitos. Os trabalhadores conseguiram um aumento geral de 40%, a ser pago a partir do dia 1 de junho do corrente.

NOTA DO COMANDO

A propósito da situação política nacional e das violências cometidas contra os rodoviários da Guanabara, o Comando Geral da Greve de 5 de Julho, na reunião do último dia 12, tornou pública a seguinte comunicação:

«Os trabalhadores brasileiros mantêm sua intransigente posição na luta por um govêrno nacionalista e democrático. Compreendemos que o centro da guerra surda, criando dificuldades à formação de um Conselho de Ministros à altura dos reclamos populares do momento, tem como objetivo imediato a liquidação das liberdades democráticas e sindicais, um recuo em nossa política externa e a não aprovação dos projetos de reformas de base. E por distinguirmos as conseqüências imediatas dessa trama anti-nacional e anti-popular é que redobramos nossa vigilância e nosso brado de alerta a todos os patriotas da Nação, civis e militares, para que se organizem e se unem em uma frente única em tôrno dos nossos objetivos.

Diante do êxito alcançado pelo movimento sindical e a progressiva aglutinação das fôrças nacionalistas e democráticas, desmascarando os manejos de certas cúpulas partidárias, os grupos do golpismo, com o governador da Guanabara à frente, estão tentando provocar, por todos os meios, os trabalhadores para lançarem-nos à precipitação de uma luta capaz de justificar as medidas violentas e arbitrárias que ordena contra o povo e os trabalhadores. Incapaz de justificar sua inépcia administrativa, esse governador se lançou violentamente contra os companheiros rodoviários de transporte de carga que reclamam melhores salários — direito reconhecido pelo próprio T. R. T.

Nessa linha de desespêro prende, espanca e submete à caduca lei de segurança militantes e dirigentes sindicais.

Apoiamos os grevistas e exigimos a libertação de todos os grevistas presos. Já nos dirigimos aos podêres públicos e ao Poder Judiciário. Denunciamos essas provocações deixando bem claro que ameaças ou violências não nos intimidarão; estamos mobilizados e deflagraremos a greve quando julgarmos oportuno e conveniente.

Finalmente, CONCLAMAMOS todos os trabalhadores, os rodoviários em particular, e ao povo em geral a se manterem unidos, vigilantes e alertas às decisões do COMANDO GERAL DA GREVE, em todo o território nacional.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1962.

BENEDITO CERQUEIRA — C.N.T.I.; OSWALDO PACHECO DA SILVA, P.U.A; HUBERTO MENEZES PINHEIRO, CONTEC e ROBERTO MORENA, C.P.O.S.

VOZ E UMA SÓ

Entoando a uma só voz o hino nacional (foto) servidores públicos de todo o país encerraram dia 13, em Belo Horizonte, o seu congresso nacional. A unidade da classe foi a tônica da reunião que, entre outras resoluções de importância para os barnabés, decidiu o lançamento de uma campanha pelo direito à sindicalização.

Barnabés Decidiram no Congresso: Sindicalização Imediata e Independência

BELO HORIZONTE, Minas Gerais (Da sucursal) — Com o mesmo entusiasmo da sua instalação, foi encerrado sexta-feira última, dia 13, na Secretaria de Assistência e Saúde, o IV Congresso Nacional dos Servidores Públicos Federais, Estaduais, Autárquicos e Municipais. Na sessão de encerramento do conclave estiveram presentes altas autoridades governamentais, a totalidade dos congressistas e representantes da Associação das Viúvas de Minas Gerais, além de personalidades da igreja e de tôdas as associações de classe do Estado. Ficou deliberado que o V Congresso da classe será realizado em Recife, também no mês de julho. Várias teses foram aprovadas pelo IV Congresso, destacando-se as referentes à Sindicalização dos Servidores Públicos, Reformas de Base e govêrno nacionalista e democrático.

SINDICALIZAÇÃO

Tema dominante do IV Congresso Nacional dos Servidores Públicos, a sindicalização da classe mereceu a atenção dos congressistas, sendo apresentadas nada menos de 27 teses sôbre a criação do Sindicato Nacional dos Servidores Públicos, nas quais seus autores, depois de longos estudos sôbre a matéria em outros países, principalmente EUA, França e Itália, concluiram pela adoção do sistema em nosso país.

Os funcionários públicos aprovaram por unanimidade a tese da delegação paulista, que cria um sindicato para os servidores das repartições públicas com as mesmas características dos sindicatos operários, que são: 1) não interferência do govêrno; 2) apenas um sindicato por município, sendo que os municípios menores se juntariam para formar um; e 3) hierarquia dos sindicatos: Federação dos Sindicatos municipais, sindicatos estadual, sindicato federal e a Confederação dos Sindicatos.

PREVIDÊNCIA SOCIAL

A questão da Previdência Social mereceu igualmente tôda a atenção dos congressistas, sendo, inclusive, assunto de conferência, uma delas do diretor do Instituto de Previdência do Estado, sr. Dario Faria Tavares, além da apresentação de uma tese, por representante do Rio Grande do Sul. Foi acerbamente criticada a Previdência Social dos diversos IAPs, principalmente no que se refere ao tratamento médico e hospitalar, não sendo esquecidos os auxílios de natalidade e doença, pensões e aposentadorias. Ao final disso, o Congresso terminou fazendo uma série de sugestões no sentido do aperfeiçoamento dos serviços prestados pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões.

O empreguismo, que vem imperando em todos os institutos depois da crise de agosto do ano passado e destacadamente no Instituto dos Industriários, mereceu a pronta repulsa de todos os congressistas, principalmente dos atuais servidores daquela autarquia, conforme manifesto apresentado, que foi unânimemente aprovado pelo plenário. Conforme o manifesto, as nomeações no IAPI importarão num total de novas despesas de Cr$ 755 894 000,00, as quais oneram o Instituto, sòmente em quatro dias, numa quantia que daria para atender 75 mil auxílios de natalidade, 1 milhão e 200 mil consultas médicas ou 90 mil auxílios de enfermidade, à base do salário mínimo.

GOVÊRNO E 1/3

O IV Congresso Nacional dos Servidores Públicos firmou posição também frente à crise política nacional e as Reformas de Base. Falando à reportagem, o sr. Domingos Viotti, presidente da UMSP e vice-presidente da UNSP, disse que a posição do funcionalismo público frente à crise política atual "é a mesma de agôsto de 1961, em defesa intransigente das liberdades democráticas e junto com as classes trabalhadoras por um Gabinete nacionalista que realize, de fato, as reformas de base, tais como a agrária, bancária, eleitoral, a limitação da remessa de lucros para o exterior e a nacionalização dos bancos estrangeiros."

No item 7 da Declaração dos Princípios do IV Congresso Nacional dos Servidores Públicos consta a solidariedade dos funcionários públicos ao movimento estudantil que exige a participação de 1/3 dos alunos das faculdades na Congregação e nos Conselhos Universitários. O item exprime que os servidores públicos lutarão também "pela reforma do ensino, tornando-o acessível ao povo, através da gratuidade de todos os seus planos, na amplitude da rede educacional pública, e na atualização e democratização das universidades."

DESFILE E REPRESENTAÇÕES ESTRANGEIRAS

Mais de mil representantes de tôdas as delegações presentes ao IV Congresso desfilaram quinta-feira, durante mais de 4 horas, pelas ruas da Capital, comparecendo ao Palácio da Liberdade e a Prefeitura Municipal para prestar uma saudação aos chefes do Executivo Estadual e Municipal. Saindo da Secretaria de Saúde e Assistência, os congressistas, empunhando cartazes e faixas com dizeres homenageando as diversas repartições públicas e reclamando as reformas de base de que necessita o povo, percorreram grande trajeto, retornando depois ao ponto de partida, onde prosseguiram os trabalhos do conclave. Foguetes, cânticos e palmas animaram a caminhada que, iniciada às 5 horas da tarde, só terminou às 21 horas.

Cêrca de 1 500 delegados de todos os Estados e Territórios do Brasil participaram do IV Congresso Nacional, além de quatro delegados estrangeiros: Sérgio Trogi, presidente da União Internacional Sindical dos Trabalhadores nas Funções Públicas (Itália), Gil Acesqueta, presidente da Associação dos Empregados Civis (Uruguai), Juan Carlos Galvano, Secretário da Associação dos Empregados Civis (Uruguai) e George de Lima, presidente dos Sindicatos Centralizados de vários Estados norte-americanos (Boston-E.U.A.).

OUTRAS TESES E CONFERÊNCIAS

Com o funcionamento de quatro comissões para estudo das teses apresentadas — mais de 500 — foram discutidas teses e moções sôbre os projetos em tramitação no Congresso, igualdade de direitos com empregados em emprêsas particulares, efetivação de interinos, unidade sindical, salário mínimo, participação na arrecadação do Estado, estabilidade, obrigação de seguro de acidentes no trabalho por conta das repartições e direito de livre ingresso e saída dos sócios nos sindicatos.

Além das conferências sôbre Previdência Social, o sr. Ubaldo Pena, diretor da Ferrobel, falou sôbre a atividade da novel emprêsa em Belo Horizonte; o sr. Dalton Boechat, da Petrobrás, falou sôbre a política nacional da empresa estatal de petróleo; e o sr. Geraldo Costa Amado, secretário-geral da Federação Nacional dos Ferroviários, fêz uma explanação sôbre sindicalização para os congressistas.

O representante do presidente da República, sr. Pinto Godói, recebeu na sessão de encerramento uma pasta contendo tôdas as resoluções do Congresso, a qual deverá ser entregue ao chefe da Nação para que tome as devidas providências, a fim de que essas resoluções se transformem em leis. Também o representante do governador do Estado, prof. Edgar Mata Machado, recebeu cópias das resoluções e, ainda, o prefeito Amintas de Barros. Também a todos os governantes estaduais e municipais serão enviadas cópias das resoluções do IV Congresso Nacional dos Servidores Públicos.

PARTE SOCIAL

A parte social do IV Congresso Nacional dos Servidores Públicos foi encerrada com um baile na sede social do Clube Atlético Mineiro, onde foi coroada a Rainha do Congresso, escolhida entre as representantes de Minas, Rio Grande do Sul e Brasília. No sábado os congressistas realizaram excursões a Ouro Prêto, Cidade Industrial e instalações da Ferrobel, além de diversos pontos turísticos da cidade.

CNTI RETIRA-SE DA CIOSL E RECEBE TODO O APOIO DOS TRABALHADORES

Mantendo-se fiel à resolução dos trabalhadores brasileiros de pugnar pela paz entre as nações e de defender o princípio de autodeterminação dos povos, a delegação da CNTI retirou-se do VII Congresso da CIOSL (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres), que se realizou em Berlim Ocidental, de 5 a 13 do corrente.

A conduta da delegação da CNTI, honrando os compromissos assumidos nos conclaves nacionais e defendendo com dignidade e altivez as posições democráticas dos trabalhadores brasileiros, vem merecendo os mais calorosos aplausos das mais importantes organizações sindicais do Brasil.

OS FATOS

Pela primeira vez, a CNTI enviou uma delegação democràticamente escolhida ao Congresso da CIOSL. Embora com podêres para indicar a delegação ao referido conclave, a diretoria da CNTI decidiu entregar ao seu Conselho de Representantes a indicação de quatro dos seis membros da referida Delegação. Foram indicados, na oportunidade, os líderes sindicais Luís Tenório de Lima e Bruno Segala e os agentes divisionistas Ari Campista e João Wagner. Embora pudesse vetar êsses dois últimos nomes, a CNTI não o fêz, para demonstrar sua isenção. Composta dêsses quatro nomes, mais os dos diretores da entidade Dante Pelacani e Benedito Cerqueira, a delegação dos trabalhadores da indústria brasileira seguiu para Berlim Ocidental, transformada no centro de provocações de guerra. Ali reunida com os mais destacados agentes divisionistas do movimento sindical internacional, a delegação da CNTI, com exceção de Campista e Wagner, soube defender com dignidade a posição do movimento sindical brasileiro.

A ELEIÇÃO

Antes de definir sua posição face aos problemas internacionais, a delegação da CNTI, vinha sendo tratada com certa consideração. Tanto que, ainda quando Riani se encontrava em Berlim, assegurava-se a Dante Pelacani um lugar no Comitê Executivo da CIOSL. Contudo, quando Pelacani e Cerqueira pronunciaram os seus discursos, defendendo a aproximação entre a FSM e a CIOSL, tendo em vista a elaboração de um programa comum de reivindicações, capaz de unir os trabalhadores de todo o mundo, e pugnando, ainda, pelo princípio de autodeterminação dos povos e protestando contra a propaganda aberta em favor da intervenção militar em Cuba, as coisas mudaram. Os homens da CIOSL revelaram, mais uma vez, sua verdadeira face de agentes divisionistas e de paus mandados dos provocadores de guerra e dos inimigos da libertação dos povos: excluiram o representante da CNTI do lugar que lhe estava reservado na Comissão Executiva da CIOSL. Protestando contra essa discriminação, a delegação da CNTI retirou-se do conclave.

A COMUNICAÇÃO

A nota endereçada ao presidente da CIOSL, comunicando a retirada da delegação da CNTI, é a seguinte: «Comunicamos a V. S. que em face da exclusão da CNTI, pelo grupo Latino-americano, do Comitê Executivo da CIOSL, cargo que ocupa há vários anos, esta entidade retira-se dêste Congresso, em sinal de protesto pela discriminação que está sendo adotada.»

«A discriminação prende-se ao fato de ter o vice-presidente da CNTI, companheiro Dante Pecalani, declarado da tribuna que nossa organização, fiel aos pronunciamentos dos trabalhadores brasileiros, e já adotado pelo nosso govêrno, manifestou-se pela autodeterminação dos povos e, conseqüentemente, não apoiaríamos os que reclamam a invasão de Cuba.»

«Declaramos que em nome da CNTI, — conclui a comunicação — ninguém mais está autorizado a falar neste Congresso.» A referida comunicação foi assinada pelos líderes sindicais Dante Pelacani e Benedito Cerqueira, vice-presidente e secretário geral da CNTI, respectivamente.

BNMG: BANCÁRIOS RECONQUISTARAM GRATIFICAÇÃO

BELO HORIZONTE, Minas Gerais (Da sucursal) — Os funcionários do Banco Nacional de Minas Gerais S.A., do banqueiro e governador Magalhães Pinto, ameaçaram deflagrar, na última semana, greve geral, porque o estabelecimento, através de vivaz manobra, conseguira reduzir sua participação semestral a apenas 60% de seus vencimentos. Afinal, ficou resolvida a questão, graças à interferência do Sindicato dos Bancários, que, após assembléia geral dos walmapianos, entrou diretamente em entendimento com a diretoria daquele estabelecimento bancário.

O movimento dos walmapianos teve origem no fato do Banco Nacional ter suprimido, há alguns anos, as gratificações semestrais a seus funcionários, substituindo-as pela participação nos lucros, que, desde que foi adotada, dificilmente chegou a corresponder a um ordenado. A iniciativa do sr. Magalhães Pinto de "democratizar" seu capital não funcionou para os funcionários do Walmap que agora, quando a participação atingiu um nível inaceitável, estavam dispostos a ir à greve para readquirirem seus direitos.

Uma comissão, chefiada pelo presidente do Sindicato dos Bancários, João Vieira e por Armando Ziller, da Federação dos Bancários, estêve inclusive com o governador Magalhães Pinto, tendo chegado, ao final de longa conferência, a uma solução altamente satisfatória, de acôrdo com a qual os funcionários do Walmap deverão receber gratificações semestrais correspondentes a um mês de salário e mais 10%, além de um abono anual de 20%.

O acontecimento veio servir de lição aos funcionários do Banco Nacional, que, por volta de 1955, iludidos pela administração do Banco, abriram mão da gratificação semestral, correspondente a um salário e meio, em troca da "participação nos lucros" do Banco. Com o tempo, porém, aprenderam que patrão não faz negócio para perder, demonstrando o vitorioso movimento de agora a reconquista pelos walmapianos de sua independência como classe. Já o sr. Magalhães Pinto demonstrou, mais uma vez, quanto é hipócrita em sua posição de governador-defensor-do-povo e banqueiro-defensor-do-próprio-bôlso.

TRABALHADORES PAULISTAS PROSSEGUIRÃO NA SUA LUTA POR GOVÊRNO NACIONALISTA

São Paulo (da sucursal) — Domingo, dia 15, contando com a presença de milhares de trabalhadores, realizou-se no cine São José, no bairro do Belém, grande assembléia intersindical, com o objetivo de debater medidas para o prosseguimento das lutas pela conquista de um govêrno nacionalista e democrático e tomar providências com respeito a outros problemas relacionados com a vida sindical do Estado.

A reunião foi presidida pelo deputado, e líder dos gráficos, Rocha Mendes, e no seu decorrer se fizeram ouvir os seguintes dirigentes sindicais: Roberto Morena, Valdir Gomes, em nome do Comando Nacional de Greve; José Xavier dos Santos, em nome do Comando de Greve de São Paulo; Raimundo Pereira de Araújo, representando o Pacto dos Transportes; Lázaro P. Maia, líder marceneiro; Orlando Sposito, pelo Forum Sindical de Debates, de Santos; o dirigente camponês Jofre Correia Neto e dona Elisa Romero Castilho, da Federação de Mulheres Paulistas.

A assembléia deliberou: a) convocação de reuniões semelhantes em todos os sindicatos, para coordenação da continuação da luta dos trabalhadores pelo govêrno nacionalista e democrático; b) eleição por emprêsa dos delegados que participarão da convenção preparatória do 1º Congresso de Libertação Nacional; c) moção de repúdio à vinda ao Brasil do presidente ianque, Kennedy; d) intensificação da luta pela revisão do salário mínimo e por novos reajustes salariais em geral; e) contribuição de mil cruzeiros de tôdas as entidades sindicais à campanha de amparo aos onze filhos menores da viúva do camponês João Pedro Teixeira, assassinado a mando de latifundiários paraibanos; f) realização de uma assembléia no dia 29, na sede do sindicato dos metalúrgicos, para tratar da formação de um órgão coordenador das batalhas dos trabalhadores da capital; g) solidariedade à greve dos universitários, que reivindicam sua participação na direção das universidades e faculdades; h) protestar enèrgicamente junto ao prefeito Prestes Maia contra o anunciado aumento das passagens dos transportes coletivos; i) solidariedade aos operários da fábrica de cimento Perus, em greve há mais de 60 dias; j) repúdio às violências do governador fascista Carlos Lacerda contra os rodoviários grevistas da Guanabara; k) eleição, também por emprêsa, dos delegados ao IV Encontro Nacional, a realizar-se nos dias 17, 18 e 19 de agôsto, em São Paulo; l) apoio à luta contra a carestia, que deve ser intensificada; m) aplausos à atuação do Forum Sindical de Debates de Santos, na greve geral de 5 de julho quando aquela cidade paralisou totalmente suas atividades.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves

Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe: Fragmon Borges

Gerente: Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO: Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar S/825 — Tel.: 35-0453

Endereço telegráfico: «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual .... Cr$ 500,00

Semestral .... » 250,00

Trimestral .... » 120,00

Número avulso .... » 10,00

Número atrasado .... » 15,00

ASSINATURA AÉREA

Anual .... Cr$ 1.000,00

Semestral .... » 500,00

Trimestral .... » 300,00

Anúncios Classificados

ADVOGADO — Rubens Pereira Pinto — Horário: das 2as. às 6as. feiras, das 16.30 às 18.30 horas. Rua Silveira Martins, 70 — 2º andar — s/210, Tel.: 32-6822 — S. Paulo

MAFERSA: Trabalhadores Exigem Encampação e Pagamento Dos Atrasados

BELO HORIZONTE, Minas Gerais (Da sucursal) — Ainda não ficou resolvida a situação dos 2 mil operários da Mafersa (1600 de São Paulo e 400 da cidade industrial) com referência ao pagamento de seus salários do mês de maio e junho, embora o presidente da República já tenha autorizado o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico a efetuar-se a constituir um grupo de trabalho para estudar a encampação da emprêsa. A Mafersa deverá ser encampada pelo BNDE, Rêde Ferroviária Federal ou Cia. Vale do Rio Dôce, seus maiores credores, mas a providência ainda não se efetivou porque o diretor da emprêsa em São Paulo, sr. Lauro Parente, desapareceu para não assinar o documento necessário. O sr. Lauro Parente é o principal implicado nas irregularidades ocorridas na Mafersa sendo responsável pela situação de miséria e fome em que estão os 2 mil operários da empresa.

ENCAMPAÇÃO

Os operários da Mafersa já foram a Brasília solicitar providências ao presidente da República, que recebeu comissões de Minas e São Paulo. De regresso do Distrito Federal, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Benigno dos Santos, trouxe cópia do despacho do sr. João Goulart que autoriza a criação de um Grupo de Trabalho, por parte do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, para fazer um levantamento geral da emprêsa, estudando a sua encampação por parte do próprio BNDE, o maior credor da Mafersa, da Rêde Ferroviária Federal ou da Cia. Vale do Rio Doce. Determinou também o presidente da República que tudo seja feito para que se efetue o pagamento aos dois mil operários da emprêsa, que estão passando fome com suas famílias e vivendo de donativos angariados nas ruas da Capital. Não obstante, os operários da Mafersa estão hoje sem receber, vivendo situação menos aflitiva graças à efetiva ajuda que lhes tem prestado a população e os sindicatos da Capital.

Há tempos, depois de uma reunião dos operários da Mafersa na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, foi redigido um telegrama enviado em seguida ao presidente do BNDE, sr. Leocádio de Almeida Antunes, cujo texto é o seguinte: "O Sindicato dos Metalúrgicos da Capital de Minas, em assembléia geral, decidiu solicitar de V. Sa. urgente e definitiva solução para o problema da Mafersa, que é nacional, inclusive com o afastamento sumário da direção da emprêsa dos dilapidadores do dinheiro da Nação, personificados no sr. Lauro Parente, presidente da Mafersa em São Paulo, que vem sendo acusado do desvio de milhões de cruzeiros pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico da capital paulista." Apesar disso, as providências tomadas desenvolvem-se vagarosamente, continuando os operários da Mafersa à espera de uma solução urgente e definitiva para o problema.

FOME

A reportagem de NR, o sr. Benigno dos Santos disse que "os 400 operários da Mafersa da Cidade Industrial estão passando sérias privações, sendo que sua situação poderia ser ainda pior se não estivessem contando com a valiosa colaboração da cidade, que tem enviado donativos para o Sindicato destinar às famílias dos nossos companheiros. Êles estão há mais de [illegible] meses sem trabalhar e sem receber, uma vez que foi decretada a falência da emprêsa pela Justiça de S. Paulo. Assim, nossos companheiros estão vivendo do que recolhem nossas comissões, que conseguiram angariar, em apenas dois dias, cêrca de 70 mil cruzeiros, destinados à compra de mantimentos para aliviar a situação das famílias dos operários da Mafersa. Pelos cálculos feitos, vamos destinar aproximadamente mil cruzeiros para cada operário, dando prioridade aos casados."

Os operários da Mafersa querem a encampação da emprêsa, permanecendo sem trabalhar porque não têm material na fábrica, pois os recursos para a manutenção da emprêsa estão sendo desviados pela atual diretoria. Em vista disso, o BNDE vai efetuar o pagamento dos meses de maio, junho e, agora, julho, conforme foi informada a reportagem. Mas, fará o pagamento sòmente depois que a Justiça de São Paulo conceder a competente autorização, uma vez que a Mafersa está em concordata e não é apenas o BNDE o credor da emprêsa. O Banco quer uma garantia de que a quantia correspondente ao pagamento aos empregados da Mafersa seja colocada à sua disposição logo que o processo de concordata esteja concluído.

Oposição ao Nôvo Gabinete e Luta Pela Realização Das Reformas de Base

Luiz Carlos Prestes

Os conciliábulos entre o sr. João Goulart e os dirigentes dos partidos políticos reacionários com maior representação no Parlamento, como são o PSD e a UDN, chegaram enfim a uma solução momentânea, com a aprovação pela Câmara dos Deputados do Conselho de Ministros presidido pelo sr. Brochado da Rocha. Evidentemente, a greve geral do dia 5 último e as crescentes manifestações populares por um govêrno nacionalista e democrático muito contribuíram para apressar o desfêcho. Com mêdo do povo, as cúpulas reacionárias do PSD e da UDN resolveram transitòriamente ceder às exigências do sr. Goulart, ao mesmo tempo que êste, mais uma vez, apesar de suas recentes declarações em contrário, transigia, incluindo no Ministério conhecidos agentes dos monopólios ianques e defensores do latifúndio.

Os senhores da reação e do entreguismo quiseram aproveitar a oportunidade da substituição do Conselho de Ministros para impor ao país um govêrno mais reacionário que o anterior, capaz de defender seus privilégios da classe e, muito especialmente, modificar a política externa, orientando-a segundo as exigências do govêrno de Washington. Ao mesmo tempo, o sr. João Goulart quis utilizar-se do momento para livrar-se dos entraves que lhe foram criados com o Ato Adicional, reforçar, na medida do possível, seu poder pessoal, apressando o plebiscito e, se viável, a própria volta ao presidencialismo. Nem êste nem aquêles contaram, no entanto, com a intervenção das fôrças populares, que frustraram em grande parte as manobras de cúpula, já que as massas trabalhadoras e populares não se contentaram em assistir apenas aos conchavos feitos à sua revelia. Quiseram ser ouvidas e, no momento decisivo, souberam manifestar sua vontade, participando ativamente da atividade política e utilizando formas de luta mais elevadas.

As cúpulas reacionárias do PSD e da UDN, que uniram suas fôrças no Parlamento em poderoso bloco reacionário, rejeitando por grande margem de votos a indicação do nome do sr. San Tiago Dantas para o pôsto de primeiro-ministro e aprovando, em seguida, a indicação do nome do sr. Auro de Moura Andrade, pensaram poder impor ao sr. Goulart e ao país um govêrno mais reacionário. A exigência dessas cúpulas chocou-se, porém, com a resistência do sr. Goulart, que não desconhece as imensas fôrças populares e militares com que efetivamente pode contar quando se dispõe a defender os interêsses da nação. Frente à ameaça de um govêrno mais reacionário, levantou-se a classe operária em memorável greve geral política que foi, sem dúvida, a mais vigorosa demonstração de fôrça da classe operária até agora realizada em nosso país, obrigando os senhores da reação a baterem em retirada. A renúncia do sr. Auro de Moura Andrade reflete a pressão das massas populares, foi como que a expressão de uma nova situação em que os representantes do latifúndio e do imperialismo ianque, da reação e do entreguismo, já não fazem livremente o que querem, precisam levar em conta a consciência patriótica e democrática das massas populares, muito especialmente da classe operária.

Sob o impacto da greve geral e das manifestações de Caxias e de outras cidades fluminenses contra a carestia e a fome — manifestações que levaram o pânico aos arraiais da reação — foi indicado o nome do sr. Brochado da Rocha para o pôsto de primeiro-ministro e, em seguida, contra o voto da UDN e o manifesto descontentamento do PSD, aceito pela Câmara dos Deputados o nôvo Gabinete. Em sua composição, teve influência decisiva o presidente Goulart. Ao mesmo tempo que colocou à frente dos principais ministérios pessoas de sua confiança pessoal, transigiu mais uma vez com os reacionários e entreguistas — inclusive com Mister Gordon, embaixador dos Estados Unidos, não por acaso presente na oportunidade em Brasília — incluindo no Gabinete conhecidos agentes do imperialismo como, entre outros, o sr. Moreira Sales, defensor permanente dos interêsses do Fundo Monetário Internacional em nosso país.

Na luta que se travou entre os representantes da reação e do entreguismo, de um lado, e os setores da burguesia conciliadora representados pelo sr. Goulart, de outro, os últimos conseguiram certo êxito, reforçando sua participação no poder. Apoiado no movimento de massas e utilizando-o, conseguiu o sr. Goulart livrar-se em boa parte dos representantes das cúpulas do PSD e da UDN. Constituiu um govêrno que poderá mais fàcilmente iludir as grandes massas populares, pela própria composição que lhe deu, com a inclusão de personalidades conhecidas por suas posições ao lado do movimento nacionalista, assim como pela habilidade com que comprometeu o sr. Brizola, de quem era auxiliar de confiança o sr. Brochado da Rocha. Com o nôvo Conselho de Ministros, apóia também o sr. Goulart seu govêrno em dispositivo militar que lhe é mais favorável e que lhe dá, assim, maior base de segurança.

É de se notar, no entanto, que, com a aprovação pela Câmara dos Deputados do nôvo Conselho de Ministros, as fôrças em choque conseguiram uma trégua apenas. Pensam elas poder chegar às eleições de 7 de outubro em ambiente de tranqüilidade, sem que a campanha eleitoral determine maiores agitações e lutas populares. E aguardam o resultado do pleito para voltar novamente à carga e à disputa por uma maior participação no poder.

Se é certo, pois, que as fôrças mais reacionárias não conseguiram alcançar seus objetivos, devemos também reconhecer que, apesar do nôvo nível alcançado pelo movimento de massas, do vigor com que a classe operária lutou por um govêrno nacionalista e democrático, as fôrças patrióticas e democráticas não foram ainda desta vez suficientemente poderosas para impedir que a burguesia continuasse impondo a conciliação com a reação e o entreguismo. A luta por um govêrno nacionalista e democrático prossegue, portanto, e, mais do que nunca, é indispensável que todos os patriotas se mantenham vigilantes em defesa das liberdades democráticas, crescentemente ameaçadas. Diante do agravamento da situação das grandes massas trabalhadoras, vítimas da inflação e da carestia, que se acentuarão com as recentes emissões de papel-moeda, superiores a 40 bilhões de cruzeiros nos últimos vinte dias, o nôvo Conselho de Ministros, nos têrmos de sua primeira Nota, já se preocupa prioritàriamente com a... "manutenção da ordem pública", e não com as reformas básicas exigidas pelos mais elevados interêsses da nação. Simultâneamente, as fôrças da reação tratam de reagrupar-se, preparam-se para novas ameaças de golpes militares e tomam o caminho do fascismo, empunhando a bandeira do anticomunismo.

Os comunistas colocam-se, portanto, em oposição ao atual govêrno dos senhores Goulart e Brochado da Rocha, contra a política de conciliação com a reação e o entreguismo. Será sumamente prejudicial qualquer ilusão no nôvo Conselho de Ministros. Não se trata, de forma alguma, de um govêrno nacionalista e democrático, mas de um govêrno que pretende realizar uma política de conciliação com o latifúndio e o imperialismo, um govêrno que talvez chegue a iniciar reformas, mas que pretende fazê-las, não em benefício dos trabalhadores e das massas populares, mas da burguesia e dos latifundiários aburguesados. É indispensável, pois, prosseguir a luta por um govêrno nacionalista e democrático e, ao mesmo tempo, exigir do sr. Brochado da Rocha o cumprimento das promessas feitas em seu discurso de apresentação na Câmara dos Deputados. As massas não podem aceitar que sejam adiadas, sob o pretexto da necessidade de "delegação de podêres", de "reforma constitucional" ou outro pretexto qualquer, as reformas que reclamam. As reformas devem e podem ser feitas já, desde que o govêrno se apoie no movimento de massas e no próprio dispositivo militar com que agora conta.

Conclamamos, pois, todos os patriotas e democratas à unidade e à ação, visando à conquista de um govêrno efetivamente capaz de realizar as grandes e profundas reformas indispensáveis ao progresso do país, ao bem-estar e à felicidade do povo. Simultaneamente, tudo faremos para continuar na vanguarda das lutas reivindicatórias dos trabalhadores e de tôdas as ações em defesa dos interêsses nacionais. É indispensável intensificar a luta contra a inflação e a carestia, por aumento geral de salários e revisão dos níveis do salário mínimo, contra a sonegação dos artigos de primeira necessidade pelos exploradores do povo nos grandes centros urbanos, tudo isso exigindo medidas sérias que assegurem o contrôle rigoroso do câmbio e do comércio externo, a seleção do crédito pelos bancos oficiais, a limitação das despesas públicas, e outras mais. É indispensável exigir do govêrno o respeito às liberdades democráticas e a ampliação da democracia no país, com o voto para os analfabetos, a reforma da lei eleitoral, o registro eleitoral do Partido Comunista. A política externa de defesa da paz e de relações com todos os povos, de defesa da autodeterminação e contra a intervenção em Cuba pode e deve ser preservada e ampliada. É necessário que prossiga a luta intransigente por uma reforma agrária radical que limite a extensão da propriedade territorial e assegure terra para os camponeses, assim como a luta por medidas concretas contra a espoliação imperialista, através da limitação da saída de lucros dos monopólios ianques, encampação das emprêsas imperialistas, e outras providências.

É nosso dever tudo fazer para que as grandes massas populares participem ativamente da campanha eleitoral, tendo como objetivo principal utilizar as urnas de 7 de outubro próximo para derrotar os representantes da reação e modificar radicalmente o caráter do Parlamento.

Os acontecimentos dos últimos dias mostraram com suficiente clareza que só através da unidade e da ação das mais amplas fôrças patrióticas e democráticas será possível isolar a reação e o entreguismo e conquistar um govêrno capaz de realizar as profundas reformas indispensáveis ao progresso do país. Só com uma considerável mudança na correlação de fôrças políticas, com o reforçamento cada vez maior da organização e unidade da classe operária e ganhando sob sua influência as grandes massas trabalhadoras do campo, a pequena burguesia urbana e os setores mais progressistas da burguesia, unindo tôdas essas fôrças em poderosa frente única, será possível isolar a reação e o entreguismo, romper as manobras de cúpula da burguesia conciliadora e conquistar um govêrno nacionalista e democrático.

Contribuamos com nossos esforços para o maior êxito do Encontro Sindical de agôsto próximo, que poderá levar a uma unidade mais sólida da classe operária. Ajudemos as grandes massas trabalhadoras do campo a organizarem suas fôrças e intensificarem suas lutas reivindicatórias e pela posse da terra, contra a exploração latifundiária. Façamos tudo para que o já convocado Congresso de Libertação Nacional, a realizar-se na segunda quinzena de agôsto, constitua nôvo e vigoroso passo no caminho da unidade de todos os patriotas, da constituição definitiva da Frente de Libertação Nacional. Que convenções populares em cada Estado da Federação, nas grandes cidades e outras concentrações populares se realizem em todo o país, discutindo os problemas que devem ser resolvidos por um govêrno nacionalista e democrático e elegendo delegados ao grande Congresso de Libertação Nacional.

Aviões e Oficiais Ianques Fotografam Interior do Paraná

CURITIBA (da Sucursal) — Coincidindo com a indicação do sr. San Tiago Dantas para o cargo de primeiro-ministro, desceram no aeroporto de Cascavel, três aviões do exército norte-americano, ao mesmo tempo em que entravam na cidade, pelas rodovias, viaturas (jipões) cheias de oficiais ianques.

Suspeita-se que a presença dos aviões se prenda a um levantamento da topografia da região — levantamento aéro-fotogramétrico —, embora corram pela cidade as mais variadas hipóteses, entre elas a de que seria uma tomada de posição político-militar em conseqüência do agravamento da situação política nacional, com o aguçamento das lutas nacionalistas e democráticas, servindo o sertão paranaense como palco de tais manobras por sua posição altamente estratégica. Há também os que acreditam na possibilidade de os norte-americanos estarem pretendendo armar os grileiros e jagunços da região, assim como interferir na luta dos patriotas paraguaios, fortalecendo a sanguinária ditadura de Stroessner.

De qualquer forma, mesmo que a presença de tais fôrças ianques no interior do Paraná se prenda sòmente ao citado levantamento topográfico, o fato não deixa de causar apreensão e estranheza, porquanto, pela importância militar de tais levantamentos, deveriam ser êles realizados pelas próprias fôrças armadas brasileiras, e não por uma nação estrangeira.

SIGILO

Enquanto isso, com o silêncio de todos os jornais, estão circulando em Cascavel, dezenas de militares ianques, à paisana, com a identidade encoberta, nomeando-se através de números, sendo reconhecidos pela população em virtude do idioma que falam e das inscrições dos aviões e jipes. Entram e saem dos hotéis em que se hospedam, fazem compras, mas o sigilo é absoluto quanto à missão que desempenham.

Realizam intensamente vôos diurnos e noturnos, percorrendo vasta região desde a fronteira com o Paraguai, fazendo levantamento com complexa aparelhagem.

Os oficiais entram e saem de Cascavel sempre à noite, nos jipes, em grande movimentação, desaparecendo inúmeros dêles quando surgem caras-novas, num sistema constante de revezamento. Nunca se apresentam em grupos grandes, procurando com isso esconder o elevado número dos que operam na região. Pretextando consertos num dos aparelhos, seus aviões são vistos em diversos municípios há mais de duas semanas, intrigando os habitantes locais.

Ao mesmo tempo, surgiu em Cascavel, onde não existe destacamento militar do Exército, uma Companhia que se mantém bivacada na 5a. Seção do D. L. (Serviço de Estradas, com sede em Ponta Grossa), dirigido pelo major Oscar. Segundo se comenta, os militares brasileiros, interrogados a respeito, justificam a presença dos aviões, jipes, oficiais e praças ianques como sendo participantes da «linha de defesa nacional».

A realidade é que os moradores da região não se conformam com tais explicações e exigem do govêrno brasileiro medidas urgentes contra essa atuação dos militares ianques no Paraná.

QUE FAZIA «O GLOBO» NA REUNIÃO DO MAC?

O incendiário major Lameirão está prêso na Base Aérea do Galeão, o ex-cabo Pedro Viana de Aguiar está implicado no atentado à Exposição Soviética, o mi-[illegible] ga-rantiu [illegible] de uma vez com as atividades do MAC, o «O Globo» é sabidamente um auxiliar e um porta-voz da polícia — eis aí uma série de fatos que todos conhecem. No entanto, dá-se que "O Globo" de segunda-feira, em sua primeira página, publica uma notícia segundo a qual houve uma reunião clandestina na Avenida Suburbana numa oficina do ex-cabo Pedro Viana, com a presença do major Lameirão, do coronel Veloso e outros baderneiros do MAC, além da assistência de representantes de "O Globo". Viaturas da Rádio Patrulha, segundo acrescenta o vespertino, estiveram no local, sem que, no entanto, nada mais encontrassem a não ser um bilhete misterioso, acêrca de um outro encontro, e os representantes de "O Globo" que, sem explicação aparente, estiveram na reunião, ouviram o ex-cabo, deixaram-no escapar (como aos demais participantes), foram conduzidos ao Distrito Policial e, finalmente, decidiram dar a impressão de que nada tinham a ver com o caso adotando a tática de noticiar o fato em seu próprio jornal.

Há, em tudo isso, muita coisa a esclarecer:

1) Como compreender que Veloso, prêso por decisão judicial no Galeão, saia tranqüilamente para participar de reuniões terroristas? Que explicação dão a isso os responsáveis pela prisão de Veloso?

2) Como compreender que o ex-cabo Aguiar, implicado no crime contra a Exposição Soviética, se sentisse seguro ao ponto de continuar promovendo reuniões do MAC em sua oficina, com a presença de tipos como Veloso e Lameirão?

3) Como compreender que representantes de "O Globo" estivessem presentes a essa reunião e dessem cobertura à fuga das demais pessoas presentes? Que fazia lá "O Globo"? Que medidas foram tomadas para localizar os criminosos fujões e apurar a sua responsabilidade?

4) Como compreender as garantias dadas pelo Ministério da Justiça de que o MAC estava desfeito? E os rasgados elogios feitos por Lacerda ao "heroísmo" de Lameirão?

São alguns aspectos que precisam ser esclarecidos a respeito do "furo" de "O Globo" — jornal que normalmente, como todos sabem, nunca se antecipa à polícia, mas atua sempre como seu auxiliar ou porta-voz.

Estamos, sem dúvida, diante de mais um capítulo da vergonhosa história do terrorismo entreguista em nosso País. Capítulo que a opinião pública exige seja decifrado.

Tramways Recusa-se a Entregar Bens Que Pertencem ao Estado

A Embaixada Americana, os [illegible] da Aliança para o Progresso, do Ponto IV etc., estão sendo acionados pela Bond & Share (American & Foreign Power Company) para anular uma decisão da Justiça e das leis brasileiras, relativa à reversão ao Estado de Pernambuco do acervo da Pernambuco Tramways & Power Co. Durante nada menos de 49 anos, essa emprêsa imperialista explorou e espoliou o povo pernambucano e agora, quando, nos estritos e rigorosos têrmos do contrato de concessão, deve fazer reverter ao Estado os bens de que ainda dispõe, recusa-se descaradamente a fazê-lo.

As manobras de que a Tramways vem lançando mão há anos no sentido de transformar em letra morta o contrato firmado em 1913, tornaram-se particularmente ativas nos últimos dias. Tudo para que a 17 de julho de 1962, data prevista expressamente no contrato de concessão, o Estado não entrasse na posse dos bens que de direito e de fato lhe pertencem.

No momento, a manobra desesperada da Tramways desenvolve-se em duas frentes: na Justiça, pleiteou (mas lhe foi negado por um magistrado do Recife) um mandado de segurança contra a emissão de posse pelo Estado. Por trás dos bastidores vem manobrando através da intriga, das influências da chantagem (inclusive por via diplomática) para obter a decretação da intervenção federal, como recurso para impedir que o Estado de Pernambuco seja imitido na posse dos bens: haveria a possibilidade da designação de um interventor federal que lhe fôsse sensível, tendo sido mesmo aventado o nome do conhecido reacionário Viriato de Medeiros.

Entretanto, segundo foi divulgado têrça-feira última, o govêrno federal, devidamente alertado, não estaria disposto a dar êsse passo pelo qual se empenha a Tramways, usando, inclusive, como argumento, a falsidade de que haveria divergências a respeito entre o govêrno estadual e a Prefeitura do Recife. Podemos afirmar, porém, com segurança que, neste particular, não existe a menor discordância de pontos de vista entre os dois podêres. Pelo contrário, em telegramas enviados ao presidente da República e ao primeiro-ministro, o prefeito Miguel Arrais reclama precisamente a entrega ao Estado do acêrvo da Tramways, sem o pagamento de qualquer indenização, pois a isso não tem direito a emprêsa norte-americana. Foi, efetivamente, o que ficou provado e comprovado pela Comissão de Tombamento designada para fazer o levantamento físico e contábil dos bens, direitos e obrigações da Pernambuco Tramways. Concluíram os técnicos da Comissão que, ao invés de credora, a emprêsa ianque é devedora de centenas de milhões de cruzeiros ao Estado em decorrência das tarifas desproporcionalmente altas que cobrou e dos dividendos, lucros, juros, etc. que remeteu ilegalmente para sua matriz em Nova Iorque.

INSOLÊNCIA

Apesar de ter tido denegado pela Justiça de Pernambuco o mandado de segurança que impetrou e, portanto, de ter sido queimada a última possibilidade legal para sustar a imissão de posse do Estado nos bens, telegrama publicado na imprensa de quarta-feira informa que a Tramways recusou-se a fazer a entrega do acêrvo aos técnicos do govêrno pernambucano. De tal maneira, a Tramways decide enveredar abertamente pelo caminho do mais brutal e flagrante desrespeito às leis e às autoridades brasileiras. Entretanto, não esclarecem os telegramas por que, em face da conduta criminosa da emprêsa imperialista, o govêrno não fêz valer seus direitos ocupando a emprêsa pela fôrça — como faria se se tratasse de uma greve ou mesmo de um pequeno empresário nacional — e enquadrando os atrevidos gringos na legislação penal brasileira.

Nota Econômica

Josué Almeida

100 milhões de dólares: remessas durante a crise

Tal como sucedeu logo depois da crise de agôsto-setembro do ano passado, também agora, em plena crise política, tiveram as autoridades responsáveis pelo câmbio de baixar uma nova instrução da SUMOC, a de número 228, liquidando, ou, pelo menos, suspendendo a decantada "verdade cambial". É certo que o professor Bulhões, diretor da SUMOC, não há de ter dado êsse passo lá com muito gôsto, ardente defensor que é dos figurinos do Fundo Monetário. Entretanto, outro caminho não lhe restava depois de, em uns poucos dias, graças à liberdade com que agem neste país, os especuladores e investidores estrangeiros haverem remetido para o Exterior uma soma estimada em tôrno de 100 milhões de dólares. Tendo presente que, ao concluir-se o primeiro semestre o deficit cambial do país andava pela casa dos 150 milhões de dólares, pode-se avaliar o que representa para o Brasil esta nova e brutal sangria, com a evasão de riquezas criadas pelo trabalho do nosso povo.

Trata-se, quase que exclusivamente, de transferências financeiras, isto é, remessas feitas para o estrangeiro sem a entrada de mercadorias, em contrapartida, fator de inevitável agravamento da inflação. Parte irá engrossar os depósitos de nacionais em bancos estrangeiros — calculados em 1,5 bilhão de dólares, em recente reunião de diretores da Associação Comercial —, e parte é mesmo remessa de lucros, certamente ausentes das estatísticas oficiais da SUMOC.

É evidente que o organismo econômico do país não poderá continuar suportando sangrias como esta e, portanto, a Instrução 228 era medida inevitável. Entretanto, duas questões se colocam: 1) a mencionada Instrução só foi baixada depois de ter havido a evasão, isto é, depois do crime; 2) até quando o país continuará exposto a tais golpes num dos setores mais sensíveis de sua economia?

De fato, como sustentam firmemente as correntes nacionalistas, a "verdade cambial" não trouxe nem poderá trazer qualquer benefício ao Brasil. E por um motivo muito simples: não constitui verdade alguma. Será verdade, serão uma expressão da realidade econômica as bruscas flutuações do cruzeiro no mercado de câmbio? Claro que não. Basta que se façam circular determinados rumores, ou que entrem no mercado especuladores com dinheiro bastante para manobrar e as taxas de conversão do cruzeiro sofrerão as alterações correspondentes. O fato é que, apesar das ameaças verbais e promessas de medidas por parte das autoridades, o mercado de câmbio continua e continuará exposto ao livre jôgo dos especuladores e dos investidores estrangeiros. Só há um empresário no Brasil suficientemente forte para controlar o mercado cambial e outros mercados: é o estado brasileiro. Fora daí, é ficar à mercê do capital estrangeiro. Portanto, nas condições brasileiras (e não nas condições dos Estados Unidos, ou da Inglaterra, por exemplo) a verdade cambial só pode manifestar-se através do rigoroso contrôle cambial, do monopólio estatal do câmbio. Permitir o *laissez-faire* no mercado do câmbio, é transferir o contrôle dêsse mercado para o capital estrangeiro e os especuladores, geralmente vinculados a êle. Essa, sem dúvida, foi mais uma lição deixada pela última crise.

Pergunta-se, agora, que rumos serão imprimidos ao câmbio pelo nôvo Conselho de Ministros. É claro que se prevalecer a orientação do sr. Moreira Salles, prosseguirá a marcha para a total liberalização, e, na próxima substituição de Gabinete, teremos a lamentar uma nova e maciça evasão de dólares. Seremos, então, obrigados a estender a sacola ao FMI e aos banqueiros internacionais, mas não sem lhes fazer novas concessões, como sempre tem ocorrido. Significará um maior agravamento da inflação, a aceleração da concentração de riquezas entre os poucos beneficiários do processo inflacionário, mais carestia para o povo e mais pobreza para o Brasil. Entretanto, não foi com essa perspectiva que acenou o sr. Brochado da Rocha, no seu programa que a Câmara, afinal, aprovou. Por outro lado, para introduzir alterações no regime cambial, não se tornam necessários podêres especiais, dada a enorme flexibilidade da legislação já existente. Para baixar a 204 não foi necessário nenhuma autorização legislativa. Como também não será precisa nova lei alguma para enterrar essa política nefasta.

De sorte que está nas mãos do atual Gabinete decidir o que fazer.

MARCO ANTÔNIO COELHO FALA A OPERÁRIOS E CAMPONESES

A convite da Associação dos Lavradores de Coqueiros o jornalista Marco Antônio Coelho proferirá no próximo domingo, dia 22, na sede daquela organização de camponeses, no Santíssimo, uma conferência sôbre "Carestia, Inflação e Reformas de Base". Como em ocasiões anteriores, quando aquêle confrade fêz exposições sôbre o mesmo tema em vários sindicatos operários, é grande a espectativa em tôrno da palestra, que tem início marcado para às 17 horas.

Na têrça-feira, às 17,30 horas, Marco Antônio estará na delegacia do Sindicato dos Operários Navais (rua Bonfim, 298, em São Cristóvão), falando sôbre a carestia, causas e conseqüências da inflação e necessidade das reformas de base, também atendendo a solicitação de dirigentes sindicais da categoria naval.

Dia 23: Convenção Paulista da FLN

São Paulo (da sucursal) — Convocando o povo paulista para participar da Convenção Popular por uma Política Nacionalista e Democrática está sendo distribuído em todo o Estado um manifesto, assinado por nomes altamente representativos de tôdas as camadas do povo. O documento refere-se à necessidade da intensificação da luta por um govêrno nacionalista e democrático, capaz de levar à prática as reformas de base, tais como o contrôle das remessas de lucro, a reforma agrária radical, a reforma urbana e outras. E transcreve a ordem do dia da Convenção, que está sendo organizada pelas entidades sindicais, estudantis, populares, camponesas, partidos políticos e intelectuais, e que é a seguinte: I — A situação política atual; suas implicações na vida dos trabalhadores, dos homens do campo, do povo e sôbre a economia nacional; necessidade de um govêrno nacionalista e democrático; II — Indicação e formação da Comissão Paulista Pró Realização do I Congresso de Libertação Nacional. A convenção será realizada segunda-feira, dia 23 do corrente.

Assinam o manifesto os seguintes nomes: ministro San Tiago Dantas, desembargador Patrocínio Gallotti, deputado federal Paulo de Tarso, Sérgio de Andrade (o conhecido e aplaudido humorista Arapuã), o pintor Clóvis Graciano, maestro Eduardo de Guarnieri, teatrólogo Gianfrancesco Guarnieri, dirigentes sindicais Urbano França (CONTEC), Dante Pelacani (CNTI), Rubens Vasconcelos, Luiz Tenório de Lima, Floriano Dezen, Remo Forli e Timóteo Spínola, Maurício Pinheiro (presidente da União Estadual dos Estudantes), Frota Moreira (PTB), Febus Gikovate (PSB), Ramiro Luchesi (pelos comunistas), os deputados estaduais Luciano Lepera, Germinal Feijó, Rocha Mendes, Cid Franco e Farabulini Júnior e as líderes femininas Iraia Schwartzman, Matilde de Carvalho e Maria Prestes Maia.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Segundo a revista "Business Week", de Nova Iorque, "as fôrças comunistas continuarão a crescer no Brasil, porque as condições econômicas do País são adequadas à exploração comunista". Quais são essas condições adequadas? A revista explica: "Pouco alimento, preços que sobem como foguetes, a pobreza agravando-se, o analfabetismo generalizando-se". Tudo O.K.

* * *

Do ponto-de-vista jornalístico as publicações norte-americanas nos apresentam muita coisa positiva. São emprêsas poderosas, dispõem de vastos recursos e de uma organização razoável. Os profissionais norte-americanos, de um modo geral, são bons. Os jornais e revistas norte-americanos, além disso, usam os mais variados expedientes para atingir às fontes de informação. Na busca dessas fontes, seguem quase sempre o caminho certo. Mas em muitos casos chegam a conclusões falsas. Onde é que pega o carro? Qual o ponto falho do complexo mecanismo? Nem tudo está O.K.

* * *

A falta de alimentos, a carestia e a pobreza sempre agravada, bem como o analfabetismo, são males da situação brasileira que a revista americana apresenta apenas como condições adequadas "à exploração comunista". A esta altura, o bem planejado e bem executado trabalho jornalístico começa a se complicar, devido a uma questão séria, que é a interpretação dos fatos. Os fatos brasileiros são interpretados, no trabalho da revista, do ponto-de-vista dos interêsses econômicos que ela representa, o que gera confusões lastimáveis. A pobreza da maioria do nosso povo é resultante, em grande parte, da exploração que êle sofre, uma dupla exploração. As massas são exploradas pelas classes dominantes nacionais e mais ainda pelo sistema colonialista a que estamos submetidos. Os alimentos que faltam, os preços que sobem, a pobreza que se alastra, correspondem, em grande parte, aos efeitos da opressão colonial e do estrangulamento dos países do tipo do nosso, por parte dos países imperialistas, como a América do Norte. A política da obtenção de lucros máximos por parte das potências imperialistas reduz à miséria os países explorados, onde por sua vez há classes exploradoras e classes exploradas, estas últimas submetidas a um processo duplo de extorsão.

* * *

Caros colegas da "Business Week": os comunistas não exploram a miséria, mas lutam contra a miséria, mas lutam contra a miséria. Se explorassem a miséria não se colocariam, invariàvelmente, na vanguarda, em tôdas as reivindicações econômicas das massas. Quem luta por aumentos de salário não explora a miséria. Luta contra a miséria. A miséria é fruto da exploração capitalista. Os excelentes jornalistas profissionais da "Business Week" um dia poderão compreender isso. E como assalariados que são, passariam a perceber melhor a luta dos países sugados pelas potências imperialistas. Mas no dia em que compreendessem isso não poderiam mais escrever na "Business Week" nem noutra qualquer publicação instalada e règiamente mantida para defender a dominação dos monopólios e do capital financeiro em todo o mundo. O.K., boys?

Os Comunistas Fortalecem-se Lutando Pelas Causas do Povo

Moisés Vinhas

Lênin dizia que, contra o aparelho repressor das classes dominantes, o proletariado não tem, na luta pelo poder, outra arma a não ser a organização. Entretanto, Lênin jamais entendeu esta organização como algo espontâneo, visto que ela tem uma missão histórica revolucionária de classe, a construção do socialismo.

Esta a razão de ter Lênin travado uma luta persistente contra as teses espontaneistas no terreno político, ideológico e orgânico. Sem plano e contrôle, é inviável a organização das massas, das fileiras comunistas, a tomada do poder e a construção do socialismo.

A esta conclusão também nos induziu a experiência de 40 anos de luta pelas reivindicações do povo, a organização do proletariado pelo reforçamento de nossas fileiras. Tôda vez que o plano e o contrôle de determinados objetivos tiveram curso como método, obtivemos resultados positivos.

Nos últimos anos, os comunistas tornaram mais sólidas suas fileiras, sob todos os aspectos. Chefes políticos de vários partidos, assim como expoentes do mundo jurídico, da cultura, das artes, concordam com a necessidade de legalizar o partido dos comunistas. O que caracteriza a ação dos comunistas é a dedicação às causas do povo, sem medirem sacrifícios. A política que os comunistas vêm praticando, particularmente após sua V Convenção, caracteriza-se por sua luta pelos interêsses mais sentidos do povo e da nação. Impulsionam a luta contra a exploração de nosso povo, praticada pelos trustes estrangeiros, especialmente norte-americanos. Muitas das palavras-de-ordem, outrora sòmente lançadas pelos comunistas e que por isso eram perseguidos, hoje tornam-se bandeiras de vastas massas de nosso povo, como o comprovou o Congresso dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas efetuado recentemente em Belo Horizonte, no que tange ao problema da reforma agrária, como na recente crise política na luta por um govêrno nacionalista e democrático.

Foi exatamente na preparação e realização da Conferência dos Trabalhadores e Lavradores do Estado de São Paulo de preparo para aquêle Congresso, que se impulsionou a ação dos mesmos, na luta contra os trustes da Anderson Clayton e SANBRA, por melhores preços por seus produtos, contra os despejos e de combate aos grileiros, por melhores salários e pelos direitos dos trabalhadores das usinas. Por ocasião destas lutas, paralelamente à preparação da Conferência, realizaram-se centenas de assembléias, foram debatidas e tomadas resoluções sôbre a reforma agrária radical; foram denunciados o latifúndio que monopoliza a terra no Estado, e as perseguições e crimes praticados pelos governos contra os camponeses. Nestas ações tiveram destaque os comunistas, que saíram mais prestigiados e fortaleceram suas fileiras com a adesão de camponeses pobres, particularmente.

O mesmo ocorreu nas crescentes lutas do proletariado, a exemplo da greve geral de solidariedade aos trabalhadores da Petroquímica, na cidade de Santos, que por 24 horas era dominada pela fôrça unitária dos trabalhadores. Igualmente, se destacaram-se os comunistas. Vendo seu exemplo, muitos trabalhadores combativos se entusiasmaram e aderiram às idéias dos comunistas. Fatos idênticos vêm ocorrendo com freqüência crescente entre os Universitários e a intelectualidade.

São estas posições, estas lutas que elevam o papel dos comunistas como vanguarda, como corrente avançada da classe operária; elevam seu prestígio, estreitam sua ligação com as massas e fortalecem suas fileiras, chegando, em alguns lugares, a triplicar seus efetivos no processo da vigência do plano de construção.

Outra experiência do processo de fortalecimento das fileiras comunistas é sua constante ação para organizar a classe operária, os camponeses e as massas em geral. Centenas de sindicatos, associações camponesas, associações populares, grêmios estudantis, núcleos de mulheres, de intelectuais e de outras camadas dos mais diversos caracteres surgem neste processo das lutas e se desenvolvem e revigoram com a iniciativa e participação dos comunistas.

Êste trabalho vem sendo realizado nas fábricas, nas cidades, nos distritos e localidades rurais, onde são arregimentados trabalhadores para as organizações de massas ou organizados no local. Tal método de trabalho tem levado, muitas vêzes, a que a massa resolva indicar justamente os comunistas para a direção de sua organização, prestigiando-os como homens dedicados às suas causas. Neste processo, muitos trabalhadores, jovens, mulheres e intelectuais vieram reforçar as fileiras dos comunistas. Êste fato serve à causa da classe operária, dos camponeses e do povo em geral, uma vez que reforça simultâneamente a luta pela emancipação nacional e pela democracia.

A grande experiência do fortalecimento das fileiras dos comunistas é sua ação junto às massas, por suas reivindicações econômicas e políticas, imediatas e ulteriores, e, simultâneamente, o reforçamento de suas fileiras. A prática mostra que é inseparável, ou mesmo inviável, seu constante fortalecimento e sua estreita ligação com as massas, sem uma persistente ação política entre as mesmas, mas sempre obedecendo uma planificação e constante controle.

• • •

A experiência comprova que existem as mais variadas formas de fortalecimento das fileiras comunistas, além das acima mencionadas. Ha o trabalho de difusão da imprensa democrática, o ensino da política e da teoria marxista-leninistas. Em determinada Faculdade, os comunistas abriram uma lista de inscrição para um curso de iniciação marxista. Inscreveram-se numerosos estudantes não comunistas, que assistiram às aulas até o fim. Grande número dêstes terminaram aderindo às fileiras dos comunistas.

Numa vila operária de um bairro da Capital de São Paulo os comunistas da base usaram a casa de um dos moradores para a exibição de um filme sôbre Cuba. A massa convidada compareceu. Antes da projeção, por solicitação dos presentes, um comunista fêz uma palestra sôbre "A carestia e a posição dos comunistas". Muitos trabalhadores propuseram-se a aderir às fileiras comunistas. O mesmo ocorreu numa festa de São João, após uma palestra sôbre a carestia, com a adesão de vários trabalhadores.

Tal prática tem atraído pessoas das diversas camadas, especialmente do proletariado, dos camponeses e estudantes, uma vez obedecendo determinada planificação e contrôle.

O plano e o contrôle definem a responsabilidade coletiva e a individual. Exemplo disto foi a convenção dos comunistas de Santos, onde o plano e o contrôle sôbre o fortalecimento da vanguarda provocou animados debates, na base da definição das responsabilidades coletivas e individuais. Êste debate levou a resolução avançada e determinou um apreciável avanço, triplicando em pouco tempo os efetivos das fileiras.

Êstes e outros métodos são produtivos se aplicados através de planos e de controle. O plano e o contrôle estimulam a iniciativa e a emulação. Marcante foi o desafio entre várias cidades importantes, com a disputa de flâmulas do 40º aniversário do PCB, o que contribuiu para importante fortalecimento dos comunistas em duas cidades industriais. O plano e o contrôle oferecem exemplos a serem seguidos; desenvolvem o debate e a crítica; difundem a experiência.

O método de trabalho junto às massas, na ação e organização para reforçar as fileiras comunistas, é inseparável da planificação e do contrôle.

• • •

Atualmente ainda é fraca a prática política dos comunistas entre as massas, e não muito seguido o método da planificação e do contrôle. Por isto, revelaram os delegados à Convenção dos comunistas da Capital do Estado de São Paulo acentuadas diferenças na situação referente ao crescimento de suas fileiras, em diversos bairros e fábricas. Ali onde os comunistas haviam realizado um trabalho junto às massas nas suas lutas e organização, aplicando o método de execução de um plano e seu contrôle, conquistaram prestígio e adeptos. Nos locais onde os comunistas se voltaram mais para dentro e não se apoiaram em planos e contrôle, não avançaram para o seu fortalecimento, embora os bairros, as fábricas e os comunistas se situem na mesma cidade. Como conseqüência, suas fileiras ainda são débeis e pouco numerosas.

Em alguns centros proletários de importância, como no Estado de São Paulo, há numerosas grandes empresas onde não há ação dos comunistas, e onde os há, seu número ainda é pequeno em relação ao número de operários e sua ação ainda não se situa num nível muito acima do nível político-ideológico das massas. Muitos ainda não se apresentaram como servidores e vanguardeiros do proletariado.

Plano e contrôle para alguns ainda constitui método desnecessário. Em vários locais constatam-se falhas nos métodos de trabalho, sem haver o necessário empenho, para descobrir suas causas e sem serem tomadas as medidas necessárias para sua remoção. Num ponto importante, os comunistas fortaleceram suas fileiras. Mas, ao averiguar êste crescimento, notou-se a lacuna de não ter melhorado exatamente no setor fundamental de concentração operária. Esta falha é antiga. Constatou-se que o contrôle era geral e não concreto e as dificuldades a remover não foram pesquisadas em suas causas.

Numa zona rural importante no Estado de S. Paulo, os comunistas, na base de uma ação persistente, junto às massas camponesas e estudantis, tiveram êxitos dignos de exemplos. Isto facilitou-lhes uma pronta ação durante a crise de agôsto. Mas, em sua convenção, constataram que êstes não superaram uma falha antiga: a sua fraqueza junto ao setor operário. Relevou-se a falta de persistência, de plano e contrôle em direção ao objetivo concreto. Nesta discussão, êles mesmos estão encontrando os caminhos e meios para a superação da deficiência assinalada.

O espontaneismo no processo do fortalecimento das fileiras comunistas denota subestimação do seu próprio papel na revolução brasileira. Isto significa que atua a influência de idéias estranhas no seu meio. Revela que alguns ainda não compreenderam a verdade histórica da tese de Lênin, de que — na luta por sua libertação o proletariado dispõe de uma arma decisiva: sua organização. Tal incompreensão atrasa a superação da contradição entre as condições favoráveis às lutas dos comunistas, o crescimento do proletariado, a consciência política e necessidade de um grande número de militantes nas fileiras dos comunistas e o pequeno número existente.

O pequeno número de militantes em suas fileiras retrata a existência de concepções de seita em muitas cabeças sôbre o movimento comunista. Revela que além do espontaneismo existem tendências a tôda sorte de restrições à filiação a êste movimento. Revela que existe confusão acêrca de candidatos ao ingresso e de integrados. Dos primeiros nada mais se deve exigir além da aceitação da política geral dos comunistas; dos segundos, que sejam educandos na base dos deveres e direitos dos comunistas militantes. Outro conceito idealista é o que tende a nivelar todos os comunistas na compreensão das coisas, na conduta e nas ações, e nesta base julgá-los, quando é sabido que não há duas pessoas perfeitamente iguais em caráter, em educação, na vida particular, em personalidade; com aquêles conceitos os comunistas restringem o seu contingente.

As fileiras dos comunistas sòmente serão constituídas de grandes massas na medida que êles se identificarem e cada vez mais com as massas, na sua vida, nas suas lutas. Os comunistas, portanto, não podem ser diferentes dos homens do povo, do proletariado, senão na sua dedicação e na luta pela causa do povo, do proletariado. As atitudes sectárias revelam o conceito de seita: querer colocar o grupinho acima da massa, dos "poucos e bons" acima do coletivo. Constituem idéias estranhas à classe operária, às massas e ao nosso povo. No fundo constitui uma subestimação das massas, do seu papel na História. Os teóricos do marxismo e a prática ensinam que só as massas que fazem a História — elas possuem espírito criador e de luta inesgotáveis.

O conceito de seita isola os comunistas das grandes massas, dificulta a tarefa de ganhá-las para sua política. Ao lado dêste conceito atua o espontaneismo que agrava o fenômeno da flutuação. Em alguns lugares, devido a diversos fatôres objetivos, é provocada a migração; em outros, o caráter de produção nas fábricas e as perseguições patronais deslocam operários. Tais fatos contribuem para reduzir as fileiras comunistas. O registro dos mesmos e sua transferência por ocasião de mudança ajudariam para que permanecessem como militantes. Outros, que se filiam, devem ser consolidados através de contribuições materiais, de ação política e de encontros freqüentes dos que trabalham nas mesmas seções e turnos dos locais de trabalho e moradia. Por sua vez, é imprescindível considerar as perseguições nas fábricas e a necessidade de uma conduta adequada, de acôrdo com as particularidades do local de trabalho. A observância das particularidades locais e do nível político e orgânico dos recém-arregimentados é indispensável ao lhes serem atribuídas tarefas.

• • •

Constituem o sectarismo e o espontaneismo grandes entraves ao fortalecimento das fileiras comunistas. A luta contra estas concepções e o emprêgo de métodos acertados decidirão da sorte da política dos comunistas, da sua capacidade de ação entre as massas, do seu fortalecimento com centenas de milhares de filiados, que muitos poderão contribuir para garantir a vitória da luta do povo pela emancipação nacional, pela democracia e pelo socialismo em nossa Pátria. O plano e o contrôle asseguram o êxito desta luta, os objetivos a alcançar.

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

A Coréia e os caminhos de sua unificação nacional

II

As fôrças da reação têm, assim, por princípio e por via de unificação, a marcha para o norte, a agressão armada com apoio nas tropas norte-americanas e — em troca dêsse apoio — a entrega total do país.

Já as organizações populares, o Partido do Trabalho e o Govêrno da República Popular Democrática da Coréia baseiam-se em concepções e caminhos inteiramente opostos. Partem do princípio de que a unificação da Coréia deve ser realizada, em bases pacíficas, pelos próprios coreanos — e só por êles, independentemente de toda ingerência estrangeira. Propõem o único caminho justo e viável, baseado na escolha livre e soberana do povo e em seu anseio de unidade e de paz: a realização de eleições gerais livres, simultâneamente ao norte e ao sul. E apontam, enquanto isto não é possível, as medidas provisórias capazes de iniciar a solução dos problemas nacionais mais prementes: a cooperação econômica e cultural e a instauração de uma Confederação Norte-Sul ou de uma Comissão Econômica, sob a egide dos dois governos.

É claro que essa solução nacional e soberana implica numa condição prévia: a retirada das tropas de ocupação norte-americana. Na realidade, sua presença na Coréia do Sul não é apenas um instrumento de colonização aberta, de reação interna e de humilhação nacional, de sentimento ao ódio e a agressão fratricida, de recusa obstinada à mínima iniciativa de entendimento ou negociação — e, assim, um obstáculo à unificação pacífica; é também uma fonte de tensão e provocações constantes, uma base de agressão contra a República Popular Chinesa e contra a URSS, uma ameaça à paz na Coréia, no Extremo Oriente — e, em conseqüência, no mundo inteiro.

O Govêrno e o povo da República Popular Democrática da Coréia não se limitam, porém, a lutar por êsse caminho humano e viável. Propõem, desde já uma série de medidas tendentes a aliviar a dificílima situação de seus irmãos oprimidos no sul do país: o recolhimento e o cuidado das crianças sul-coreanas abandonadas; a instalação de indústrias para debelar a chaga do desemprêgo; o fornecimento de energia e de gêneros alimentícios; a construção de escolas e hospitais, na Coréia do Sul; e outras, ainda.

Seria, porém, um êrro crer que essas aspirações e propostas contam apenas com o apoio dos 11 milhões de coreanos do norte: elas constituem hoje a bandeira de luta de todo o povo, como o único meio de assegurar a unificação pacífica e soberana de seu país. Já em dezembro de 1960, representantes de todos os partidos políticos e organizações populares criavam, no sul, o Conselho Central pela Unificação Nacional e pela Independência. A 9 de janeiro de 1961, fundava-se, também no sul, a Frente Nacional pela Unificação da Pátria. São conhecidas as grandes manifestações populares de março de 1960 (queda de Sigmann Rhee) e de abril de 1961, cuja repressão levou à instauração de uma ditadura militar, sob o comando ianque. Com ela, sucederam-se e agravaram-se a aplicação de novos acôrdos militares e da política do F.M.I., a repressão cruel no movimento nacional de unificação, a censura à imprensa, a ruína da agricultura e a "exportação" dos lavradores desempregados, o fechamento de mais de 50 por cento das minas e das demais empresas industriais. Como em tôda parte, a "ajuda" dos Estados Unidos mostra ali suas duas faces metálicas: a necessidade de vender os estoques da produção agrícola norte-americana e a manutenção de seus pontos de apoio e bases militares, com vistas a uma guerra de agressão na Ásia Oriental.

Eis porque, ao desenvolver sua já potente economia socialista, ao ritmo sem precedentes de Chon Li Ma, o cavalo alado de suas lendas milenares; e ao combater por um caminho realista e humano de unificação de seu país, o Govêrno e o povo da República Popular Democrática da Coréia não defendem apenas a dignidade e a soberania nacionais: defendem, antes e acima de tudo, os princípios justos que devem reger as relações entre homens e Estados, o direito de tôdas as nações à sua autodeterminação, a paz e a segurança de todos os povos. Eis porque, embora afastada de nós por metade do perímetro da Terra, a luta da nação coreana é também nossa luta.

Essa luta comum, por objetivos comuns e contra o mesmo inimigo — a política de colonização, de reação e de guerra dos imperialistas norte-americanos e seus títeres, dentro de cada país — exige uma aproximação maior entre nossos povos e, como passo imediato, o estabelecimento de relações normais, econômicas, culturais e diplomáticas, com a nação coreana — e, em conseqüência, com seu único e legítimo intérprete: o Govêrno da República Popular Democrática da Coréia.

DENTRO EM BREVE O SOCIALISMO ULTRAPASSARÁ O CAPITALISMO — OS COMUNISTAS BRASILEIROS E A LUTA PELA LEGALIDADE DE SEU PARTIDO

Em seu quinto número, correspondente ao mês de maio, a revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, entre outras matérias de grande atualidade sôbre a conjuntura mundial, apresenta as seguintes colaborações: artigo de Carlos Marighella sôbre a campanha pela legalidade do Partido Comunista Brasileiro; de Mustafá Sadun, comentário sôbre a significação política do "cessar fogo" na Argélia; a nova situação política da Itália, vista por Luigi Longo; artigo de G. Muller mencionando os remanescentes da diplomacia nazista no Ministério do Exterior do govêrno de Adenauer (entre as 88 representações diplomáticas da Alemanha ocidental 72 são dirigidas por diplomatas que serviram a Hitler, comportando-se como fascistas). Finalmente, um artigo do jornalista soviético V. Zagladin sôbre as possibilidades da emulação econômica entre o socialismo e o comunismo. Adquira seu exemplar quanto antes nas livrarias, bancas e "stands" de jornais.

Agências e assinaturas — Rua da Assembléia 34, sala 304. Rio — GB. Em Porto Alegre: R. General Andrade Neves, 90, s/2 e 155, s/32; Belo Horizonte: Afonso Pena, 324, s/40; em Salvador: Avenida Sete, n.º 1, s/215 e Saldanha da Gama, n.º 6; no Recife: Rua da Assembléia, 67, s/12 e Floriano Peixoto, 85, sala 326; Em Niterói: Almirante Tefé 632, s/403; Em Santos: Rua do Comércio 9, sala 4; em Curitiba: Praça Zacarias, 36, apto. 901; em São Paulo: Rua do Riachuelo 342, s/2; em Florianópolis: Livraria Anita Garibaldi; em Vitória: Rua Duque de Caxias: 269.

UM DRAMA QUE TEME SOLUÇÃO

Fanny Tabak

Li com grande interêsse o artigo de J. Miglioli — "O papel crítico do intelectual marxista". A idéia de "colocar em discussão o problema dos intelectuais marxistas no Brasil" parece-me não só oportuna, mas de uma importância que não pode ser diminuída, se quisermos impulsionar a luta do povo brasileiro pela democracia e o socialismo e levá-la a níveis mais altos.

Subestimar o papel da intelectualidade no trabalho de esclarecimentos das grandes massas populares quanto ao caminho que conduz à emancipação nacional e social, não compreender a significação e a necessidade imperiosa de formar quadros, capacitados técnica e ideològicamente — será incorrer em grave êrro.

Creio que a caracterização do "drama" que vive o intelectual marxista em nosso país está bem feita no artigo de Miglioli e concordo em que se considere condição essencial que uma tal atividade seja "exposta pùblicamente", sem o que não terá nenhuma significação nem poderá exercer qualquer influência expressiva.

Dentre as modificações importantes que se vêm processando na estrutura das classes e camadas sociais, neste segundo após guerra, pode-se observar que, no caso da intelectualidade, esta vem sendo obrigada, cada vez mais, a vender sua capacidade intelectual ao dono de uma grande emprêsa particular ou ao Estado. Já não pode viver apenas de sua produção literária ou artística, se quer manter um padrão de vida apenas médio.

Como regra geral, o intelectual busca em primeiro lugar um "emprêgo público", porque é estável, melhor remunerado, assegura aposentadoria e concede outras vantagens. Isso ocorre com os professores, médicos, engenheiros etc. Já para os jornalistas, escritores, artistas plásticos e outros, a situação é ainda pior — devem voltar-se para a grande imprensa, que paga melhor, mas que pertence à burguesia e que paga bem justamente para que lhe defendam a posição social e os privilégios de classe dominante.

Ora, como pode um intelectual que aceita a doutrina marxista como a única válida e verdadeira, defender um Estado e uma imprensa que existem para perpetuar os privilégios egoísticos de uma classe que domina à custa da exploração da imensa maioria da população, que justificam a miséria e as desigualdades sociais? Daí o drama de consciência, que leva a um dilema nem sempre fácil de resolver: expor pùblicamente a sua condição de marxista (ou seja, declarar-se "comunista", pois a confusão realmente existe, como acentua Miglioli) e ficar exposto a possíveis medidas de represália ou constrangimento, ou ocultar tal condição e, ao fim de algum tempo, sentir-se culpado por tal omissão, ante os prejuízos que daí decorrem.

Particularmente grave e dolorosa é a situação dos professôres e gostaria de examiná-la mais de perto.

A revolta contra as desigualdades sociais, contra a miséria, o atraso, o analfabetismo, e um sentimento que começa à dominar o professor ainda no nível da escola primária, após alguns poucos meses de experiência pedagógica. Não é possível encarar com indiferença o fato de que um número enorme de crianças toma como única refeição do dia aquela que lhe é servida na escola, ou não pode frequentar esta, pois não possui uniforme, calçado, material escolar. Saber que o índice elevado de repetência e o baixo rendimento da aprendizagem têm como uma das causas mais importantes a subnutrição crônica, é algo de doloroso para a jovem professôra, que sai da Escola Normal cheia de belos ideais.

De quem é a culpa? Por que existe uma tal situação? Como remediá-la? Como acabar com a fome, a miséria, o analfabetismo?

Conforme a resposta que se der a tais indagações, tal será a atitude que adotará o futuro professor. Se lhe fôr explicado que as desigualdades resultam da divisão da sociedade em classes, cujos interêsses são antagônicos, que para acabar com as injustiças é preciso acabar com a propriedade privada dos meios de produção, que é possível construir uma sociedade diferente, em que todos tenham direitos iguais e, fundamentalmente, se lhe fôr mostrado o que é preciso fazer para isso, sua atitude poderá ser dinâmica, ativa, participante. Caso contrário, acabará por pregar a paciência e a resignação, o fatalismo e a "piedade" cristã.

Num país como o Brasil, onde o índice de analfabetismo ainda é alarmante, onde a imensa maioria dos alfabetizados não vai além do curso primário (quase sempre incompleto), é fácil compreender a importância que tem a atitude que o professor irá transmitir a seus alunos, sua filosofia de vida, os valôres morais que lhe deverá ensinar, suas normas de conduta, a explicação que dará, enfim, para as coisas que o cercam.

Se passamos para o nível médio — do curso secundário, a posição assumida pelo professor é particularmente importante, pois deve tratar com jovens adolescentes. Nessa fase da vida, a sensibilidade está mais aguçada, as impressões são mais fortes, a inteligência mais viva e o raciocínio mais ágil. E' mais difícil ao professor "tapear" o aluno com respostas evasivas, dúbias ou erradas.

No nível de avanço técnico e científico em que hoje vivemos, com a ampla e rápida difusão dos fatos através do rádio, imprensa, televisão, cinema, etc. — as notícias correm céleres. Tentar ocultar hoje, por exemplo, os êxitos da URSS na conquista do cosmo, é mais que puerilidade — é estupidez. A onda de simpatia em tôrno da URSS e do sistema socialista avoluma-se cada vez mais. E os jovens querem saber porque isso ocorre. E exigem explicações claras e respostas certas. Explicações e respostas que o professor tem obrigação de *saber* dar e que *deve* dar efetivamente.

Será que o professor marxista pode dar tais explicações e respostas?

A prática tem revelado que sim. Não importa onde trabalha tal professor — numa escola do Estado ou num colégio particular — há sempre uma forma hábil de expor seu pensamento, de explicar as coisas de maneira simples, objetiva direta e, o que é fundamental, do ponto de vista marxista.

Não é difícil, por exemplo, mostrar a superioridade do materialismo sôbre o idealismo, através de alguns exemplos ao nível da compreensão dos alunos. Não é indispensável fazer citações de Marx ou Lênin, em falar em marxismo. O importante é expor as idéias, dar a explicação que dão o materialismo histórico e o dialético sôbre a origem e a evolução dos fenômenos da natureza e da sociedade, expor as leis gerais do desenvolvimento social, de maneira simples e concreta.

Ainda mais importante do que isso é, talvez, criar nos jovens uma atitude materialista e não idealista, crítica e autocrítica em relação aos fatos, dialética e não metafísica, desenvolvendo nêles o otimismo e a confiança na possibilidade de "transformar o mundo" e não o fatalismo e a passividade.

E isso o professor marxista pode perfeitamente fazer. E pode fazê-lo em qualquer grau de ensino e qualquer que seja a disciplina que ensina e não sòmente quando se trata de filosofia ou história. O professor tem o dever de expor sua opinião a respeito dos acontecimentos sociais e políticos de seu país e essa é uma oportunidade excelente de orientar seus alunos.

Infelizmente, porém, não é o que ocorre sempre.

Muitas vêzes, o professor peca por omissão, sob a alegação de que devem fugir ao "sectarismo", de que não lhe cabe tratar de outras questões estranhas à sua cadeira, de que, enfim, o problema de orientar os alunos diante da vida não é "seu" problema. E assim, o professor que tem, suponhamos, cinco turmas — ou seja, 200 alunos a êle diretamente ligados, perde uma ocasião magnífica de transmitir-lhes ao menos uma concepção materialista de vida. E se trabalha em vários colégios, êsse número se eleva, muitas vêzes, a 400 ou mais.

Quando passamos ao nível universitário, o problema, é ainda mais grave — aí, o professor já se defronta com estudantes que deverão ocupar, dentro em pouco, seu lugar na sociedade — são jovens de 20 anos, que buscam um sentido para a vida e com o coração cheio de belos e nobres ideais.

A responsabilidade do professor de Faculdade é, por isso mesmo, muito maior — cabe-lhe formar no aluno um espírito realmente universitário aberto à pesquisa permanente, um ser humano capaz de dar sua contribuição pessoal e original ao desenvolvimento da sociedade humana.

Ocultar a condição de marxista — ou seja — deixar de expor as idéias e teorias marxistas, é nesse caso um erro ainda maior. E, no entanto, é isso que está acontecendo, em grande número de casos, em nosso país. Nossos professores de sociologia e economia política, de ética e filosofia, muitas vêzes têm mêdo de expor objetivamente o materialismo dialético e histórico — e nêsse caso orientam seus cursos e suas aulas na linha do pensamento idealista, empirista burguês metafísico) recorrem muitas vêzes a manuais de autores norte-americanos ou franceses, onde se prega (de maneira sutil ou escancarada) o anticomunismo.

Outras vêzes, o professor simplesmente se sente incapaz de expor o marxismo, pois não o conhece suficientemente e essa falta de segurança o conduz a propalar teses e teorias reacionárias, que são a antítese do marxismo ou, no mínimo, de caráter revisionista ou reformista.

E eis aí uma outra grave questão — não dispomos ainda, em português, de uma qualidade suficiente de textos marxistas, nem para professôres nem para alunos. Os materiais de crítica aberta da sociologia burguesa contemporânea, das principais correntes filosóficas e de análise da crise em que se debate hoje a ideologia burguesa — não são em geral conhecidos no Brasil.

As conclusões de uma reunião tão importante como o Encontro Internacional de Royaumont (maio/1961), que reuniu os nomes mais expressivos do pensamento contemporâneo, marxistas e não marxistas, para um debate amplo sôbre o futuro que aguarda o homem, provavelmente só atingiram no Brasil a um grupo reduzido de pessoas. (Problemas da Paz e do Socialismo — nº 11, 12/1961).

E no entanto, hoje, o marxismo-leninismo tornou-se o eixo de coordenadas de todos os pensamentos e de tôdas as ações: cada um se situa em relação a êle. Isso declarou Roger Garaudy, no discurso de balanço da "Semana do Pensamento Marxista", realizada sob o patrocínio do Centro de Estudos e Pesquisas Marxistas, no começo dêste ano. Dos debates realizados durante essa Semana, foram atingidas nada menos de vinte mil pessoas. No primeiro dêles, sôbre dialética — no qual intervieram Garaudy, Sartre, Hippolite e Vigier — havia na sala seis mil ouvintes, em sua maioria jovens estudantes parisienses.

Quem, além do Partido Comunista indagou Garaudy — pois na época atual, com tal confiança, convocar os jovens para refletir sôbre o sentido de sua vida e de seus combates, sôbre o sentido de nossa história e de nosso porvir?

Vivemos hoje uma época histórica que assinala o triunfo da ideologia revolucionária do proletariado. Hoje, o marxismo leninismo é o árbitro do pensamento da humanidade progressista — isso está dito no Programa do PCUS, onde são lançadas as bases para a construção do comunismo.

E assim é não só no terreno ideológico, mas também no político. Os acontecimentos políticos dêstes últimos anos têm comprovado a justeza do princípio leninista da coexistência pacífica, da emulação entre os dois sistemas. Nessa competição a superioridade do socialismo — que já marcha a passos rápidos para o comunismo — sôbre o capitalismo, torna-se cada vez mais evidente para as grandes massas populares.

Como então ocultar ou mascarar, tais fatos evidentes? Como pode o professor marxista — ou que se diz marxista — deixar de explicá-los objetivamente?

Penso que não há outra solução para o "drama" em que se debate o intelectual marxista brasileiro, senão a de tomar uma posição clara, aberta, definida — em favor das idéias marxistas, qualquer que seja o seu setor de atividade.

Isso implica em fazer um esfôrço consciente no sentido de contribuir para o enriquecimento do próprio marxismo, através da sua aplicação ao estudo da realidade brasileira, em todos os seus aspectos.

E aí se coloca uma nova e importante questão, aflorada também no artigo de Miglioli — a falta de estudos mais sérios sôbre aquela realidade, a ausência de um "espírito de polêmica", o debate público com representantes de outras correntes filosóficas, o papel crítico que deve ser exercido permanentemente pelo intelectual marxista.

Mas isso já seria assunto para outro artigo.

«O ASSALTO AO TREM PAGADOR»

B. Albuquerque

O Assalto ao Trem Pagador, de Roberto Farias, é a primeira película apresentada ao público da série que começa a iniciar-se, representativa da nova fase do cinema brasileiro. O nome de seu diretor — egresso da chanchada, mas que já apresentava uma satisfatória comprovação de talento e eficiência com o policial paulista *Cidade Ameaçada* — certamente não se encontra no rol dos cineastas que primeiro lançaram a tese do Cinema Nôvo, particularmente o grupo de jovens do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Pelos dois filmes anteriores de Roberto Farias a que assistimos, e por algumas declarações que prestou à imprensa, podemos mesmo elaborar uma imagem que mostra o jovem diretor não preocupado em fazer um tipo de cinematografia enquadrado no Cinema Nôvo. No entanto, *O Assalto ao Trem Pagador* é uma das melhores provas da autenticidade das argumentações dos diretores de *Cinco Vêzes Favela*, à qual se aliará, dentro de breves dias, para lhe dar refôrço o magnífico *O Pagador de Promessas*.

Roberto Farias já afirmou que não hesitará mesmo em retornar à chanchada se para isso fôr preciso. Encara a comédia carnavalesca, ou mesmo a comédia típica de meio-de-ano, como uma prática útil, e onde lhe foi possível exercitar os conhecimentos de regência cinematográfica. No entanto, *O Assalto ao Trem Pagador* é a própria negação dessa possibilidade de o diretor voltar à era das chanchadas. Seu filme tem o mérito bastante de descobrir para a platéia que o cinema brasileiro começa mesmo a existir, e essa platéia possìvelmente ainda estará espantada por ver que de nada valem os velhos argumentos sôbre a impossibilidade de existência do cinema brasileiro: diálogos artificiais e ingênuos, impossibilidade de concertar o ritmo da fala com a naturalidade exigida pelo cinema, ausência de atores, de técnicos, de histórias, de tudo. O jeito era ver o primeiro bangue-bangue americano que passasse. O cinema argentino comercial, com todos os seus dramalhões, e o cinema mexicano, ambos sofrendo de alguns dos mesmos principais males de nossa sétima arte, eram bem mais aceitos do que as produções mais sérias de casa.

Mas agora a coisa é outra. Por isso, falamos apenas de «O Assalto ao Trem Pagador».

Partindo de um fato verídico, amplamente dominado pelos leitores de jornais, pelo menos, Roberto Farias estruturou o roteiro do filme, procurando não se ater à trama policialesca que caracterizou a maioria dos filmes do gênero, principalmente os norte-americanos. Aceitando a sugestão de um Jules Dassin (em «Rififi») utilizou o assalto apenas como o fato inicial para erigir sua história à base dos choques suscitados pela concretização do plano. O assalto transforma-se, assim, de sua órbita puramente incidental, de caso de polícia, para a estrutura mais ampla da própria existência dos assaltantes e do meio que os gerou. Por isso que Tião Medonho e seus comparsas, antes de delinqüentes, são fundamentalmente favelados. E, com êste substantivo, queremos designar um tipo humano próprio, que ocupa um lugar à parte numa sociedade de contrastes tremendos. As reações padronizadas de gangster, como as vimos constantemente em películas estrangeiras, não se verificam nesta película. A favela, apesar de Roberto Farias não se ter aprofundado na revelação dos vínculos entre seus habitantes e ela, é que determina a própria perda de Tião e seus amigos. Esmaga-os uma incapacidade de fuga, incapacidade de desligar-se do meio, onde teriam de ser pegados, por fôrça de uma intimidade visual por demais descobridora de segredos, mesmo os mais cuidadosamente guardados. Tião Medonho, mesmo quando se muda de casa, ainda vai buscar uma que fica em favela, embora em lugar [illegible].

O filme policial carioca já começou há alguns anos. O lançamento mais bem recebido nesse campo, foi sem dúvida, Amei um Bicheiro, de Jorge Ileli e Paulo Wanderley. Ileli não correspondeu à expectativa quando no ano passado, fêz Mulheres e Milhões, embora continue sendo um dos nomes que mais podem corresponder à esperança dos que ainda esperam muito do cinema brasileiro.

O Assalto ao Trem Pagador passa assim a ser enquadrado em uma "escola" de cinema, onde mesmo seu diretor não é iniciante.

E é deveras meritório poder-se observar que O Assalto ao Trem Pagador é, dentro de suas medidas, e suficientemente conseqüente, tendo merecido, por parte de platéias, em sessões normais nos cinemas onde era exibido, manifestações de regosijo, que chegavam, nas cenas de maior dramaticidade e principalmente onde se revelava a miséria da favela, às palmas espontâneas e calorosas.

Será neste caminho de identificação com a nossa realidade que certamente a cinematografia brasileira poderá firmar-se tornando-se num instrumento consciente de conhecimento dessa realidade.

O Assalto merece ser visto. Por vêzes, é cruel. Mas é a crueldade inerente à própria miséria de nossas favelas, ao submundo asfixiante, onde a própria riqueza é uma incapacidade insuperável, onde a pobreza triste é um obstáculo onipresente.

Canto de Página

Eneida

Elisabeth

Veio outro dia o "Jornal do Brasil" contando, em duas reportagens, a história dolorosa, é certo, mas gloriosa também, dessa mulher que se chama Elisabeth Altina Teixeira, líder de mais de dez mil camponeses na Paraíba, viúva de Pedro Altino Teixeira, o criador da maior Liga Camponesa do Brasil, em Sapé, e que foi bàrbaramente assassinado pelos capangas dos latifundiários em abril dêste ano.

Leiam comigo êste trecho de uma das mencionadas reportagens: "D. Elisabeth só guardou luto uma semana. Depois disso, apesar dos seus onze filhos, não parou mais. Tornou-se até mais ativa. Sabia que sua vida corria perigo, mas acreditando-se uma mulher decidida, nunca ligou para as ameaças. Só não contava que seus inimigos, os inimigos das ligas camponesas, fossem armar um homem — operário da estrada — para amedrontá-la, baleando seu filho Pedro Paulo de onze anos, quando em companhia de um outro irmão colhia macaxeira."

Todos nós sabemos mais: Pedro Paulo, uma criança, recebeu um tiro na testa. Está fora de perigo, mas ameaçado de perder um ôlho. E agora, essa estóica mulher, tão grande na sua bravura, acaba de vir, mais uma vez, ao Rio contar-nos sua situação, a Brasília exigir do govêrno que tome providências, pois um dos maiores latifundiários da Paraíba prometeu trinta mil cruzeiros "ou mais" a quem apenas lhe cortasse a língua. Não é verdade que parece mentira que em pleno século XX, neste país, os latifundiários ainda ajam como se estivéssemos perdidos nas trevas da Idade Média?

Segundo informam os jornais, os latifundiários da Paraíba são os mais violentos e estão de tal maneira desvairados com o aumento sempre crescente dos camponeses arregimentados nas Ligas que chegaram ao ponto de contratar jagunços do Nordeste, principalmente de Alagoas, para ajudá-los na tarefa de destruir as Ligas, assassinando os principais dirigentes.

Pena que não caiba, numa crônica, a gloriosa história dos camponeses paraibanos e de seus algozes; pena que não haja palavras novas para saudar Elizabeth Altina, tão grande na sua luta, tão consciente que chega a declarar: "Não tenho mêdo, não. Só não quero que cortem minha língua, porque preciso arregimentar mais camponeses".

Olho seu retrato que ilustraram as reportagens. Seria bela Elizabeth se a ela fôsse dado o direito de viver feliz. Não há no seu rosto nenhum artifício, mas está marcado por uma firme disposição de luta. Elisabeth Altina tem confiança em si própria e nos seus companheiros de luta. Sabe que o trabalho do marido é o seu; continua dividindo seu tempo entre a enxada, os filhos e a secretaria da Liga: — "Eu treinava todos os dias, — disse ela a um jornalista — para melhorar a letra."

Bendita seja ela, essa mulher que é uma lição de dignidade e de bravura. Legítima representante das heroínas brasileiras do passado, daquelas que deixaram seus nomes nos movimentos populares dêste país.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

AVISO

AOS AGENTES DE PPS NO INTERIOR (com reportes entre 5 e 20 exemplares), avisa-se que o nº 5 62 está sendo enviado pelo Serviço de Reembôlso Postal, adicionando-se ao valor de cada remessa 20% por conta dos atrasados, quando fôr o caso.

CONGRESSO DA UNE NO QUITANDINHA DEBATE PROBLEMAS EDUCACIONAIS E NACIONAIS: DIVISIONISTAS DERROTADOS

Com o debate de questões relacionadas com a luta de emancipação nacional prosseguirá, hoje, quinta-feira, no Hotel Quitandinha o XXV Congresso Nacional dos Estudantes. O conclave, que reúne quase mil universitários, representantes de todos os diretórios acadêmicos do país, encerrar-se-á domingo, quando deverá ser empossada a nova diretoria da entidade. Os trabalhos vêm-se processando com regularidade, apesar de alguns senões de organização, perfeitamente justificáveis numa reunião de tal envergadura. Desde sua instalação, numa solenidade durante a qual falaram aos estudantes o governador Leonel Brizola e o deputado Francisco Julião, estando presentes, entre outras personalidades ligadas ao movimento de emancipação nacional, os deputados Paulo Alberto e Roland Corbisier, além da viúva do camponês-mártir João Pedro Teixeira e do presidente da Petrobrás, o Congresso examinou problemas da reforma da nossa estrutura educacional, questões de cultura popular e características e atuação do poder político do país. Debateram tais temas com os universitários os professôres Paulo Schilling, Oswaldo Gusmão, Carlos Estevão, Aron Abend e Herbert José de Sousa.

As articulações para a eleição da nova diretoria constituem uma das maiores preocupações de todos os congressistas, sendo encarada pacificamente a ascensão ao comando da UNE de uma composição saída das atuais fôrças situacionistas, desenrolando-se os entendimentos e demarches na procura daqueles nomes que consigam reunir em tôrno de si o maior número de bancadas e que sejam capazes de ampliar ainda mais o esquema democrático que rege os destinos do movimento estudantil desde 1956.

O chamado Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, fartamente financiado por cruzeiros da Confederação Nacional das Indústrias e por dólares da Aliança para o Progresso, vem tentando uma frustrada manobra divisionista, utilizando-se de alguns infelizes estudantes que se deixaram subornar e de uma malta de provocadores profissionais estipendiados. Estão sendo repelidos pela esmagadora maioria dos universitários, que chegaram a Quitandinha já precavidos quanto à atuação dessa tentativa de ressurgimento do peleguismo. Na sessão inaugural, quando o presidente Aldo Arantes denunciou oficialmente a presença do IPES, todo o plenário prorrompeu em significativa manifestação de repúdio a êsse instrumento mal disfarçado da reação e do imperialismo. Na noite de têrça-feira alguns "play-boys" integrantes das organizações terroristas FJD e MAC tentaram, armados, tumultuar os trabalhos do Congresso distribuindo um manifesto divisionista e incitando os congressistas a uma ação "contra os comunistas da situação da UNE". Foram subjugados pelos próprios universitários e expulsos do hotel.

PLANO TERRORISTA

Diante do fracasso da pretendida divisão, o IPES e o MAC tramam uma espécie de "noite de São Bartolomeu" contra a grande reunião dos universitários. Através dos seus porta-vozes na imprensa (vide o "Correio da Manhã" e "O Globo" de quarta-feira) estão convocando os agitadores da Frente da Juventude Democrática e de outras organizações fascistas para uma sortida terrorista ao Congresso, no dia da eleição da nova diretoria, com o que pensam impedir a consolidação da aliança democrática e nacionalista que une os universitários nas suas lutas pela reformulação da estrutura do ensino e pela libertação nacional do país.

Acaba de sair:

CONFERENCIAS DOS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERARIOS

— Moscou 1957
— Roma 1959
— Bucareste 1960
— Moscou 1960

Preço: Cr$ 40,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal a:

ALIANÇA EDITORA LTDA.

Av. Rio Branco, 257 — sala 905
Rio de Janeiro — GB

ADOLESCENTE DE APENAS 14 ANOS DEIXA O LAR PARA INCORPORAR-SE ÀS LUTAS POPULARES: CARTA PATÉTICA À MÃE

Pablo Vigil Amaro, um garoto uruguaio de apenas 14 anos de idade, acompanhado de sua mãe, a professora Zulmar Amaro Balparda, integrava uma caravana turística de patrícios seus que visitavam o Brasil. Em Curitiba, no amanhecer do dia 5 do corrente, ao levantar-se para iniciar os preparativos do prosseguimento da viagem rumo a São Paulo, dona Zulmar tomou-se de pânico ao notar a ausência do filho. Pablito — era assim que o chamavam, carinhosamente — fugira. Abandonara o hotel por volta das 3,30 horas, segundo testemunhou um funcionário da portaria. Em desespêro dona Zulmar voltou aos aposentos que repartia com o filho, e só então verificou que Pablo deixara, sôbre a mesa de cabeceira de sua cama, dramática carta explicando as razões de sua partida: fôra incorporar-se "aos operários, camponeses, estudantes e todos os bons" que estão lutando contra a "exploração do homem pelo homem e contra o repugnante imperialismo que existe nesta terra". "Vou lutar, e será minha maior honra poder cair na vanguarda dessas legiões", escreveu Pablito. "Por tudo isso, mãe, eu te peço que não chores, e nem me procures, mas sim, que me apoies e que lutes", implorou à sua genitora.

Pablo residia na capital uruguaia em um bairro residencial de características aristocráticas e — são declarações de sua própria mãe — desconhecia a pobreza, pois seus tios milionários não poupavam esforços para satisfazer-lhe os menores gostos e para cercar-lhe do máximo de confôrto. Ainda segundo dona Zulmar, o garoto, desde que a caravana penetrara em território brasileiro, proclamava-se a todo instante surprêso e revoltado com a miséria que via. E, chegando a Pôrto Alegre, sacrificou os passeios programados pelos organizadores do cruzeiro turístico, para ir diàriamente ao Palácio Piratini, pois pretendia conhecer o governador Leonel Brizola, de quem desde muito é grande entusiasta.

A CARTA

A patética carta saída do punho de uma criança que ainda não completou 15 anos, um verdadeiro libelo contra a exploração e a injustiça, tem o seguinte teor:

"Mamãe:

Quero-te mais que nunca em minha vida, e seguirei querendo-te enquanto viver. Desde há alguns anos, minha vida vem sofrendo uma grande transformação. Creio que a de maior importância, foi a de vir observando, experimentando mesmo, o grave, ou melhor, o aterrador drama que sofre a América Latina.

Pouco a pouco se me foram esclarecendo os mais diversos pontos referentes aos povos e à humanidade. Talvez, alguns acontecimentos dos mais recentes, me demonstrassem pràticamente o que dizem os diversos livros, novelas e jornais que encaram, profundamente, o problema da crítica situação em que vive a América e o mundo, nestes momentos. Êsses livros me ensinaram o que é a pobreza, a miséria, a exploração, a fome, o desespêro, a tristeza, e, milhares de coisas mais que a gente muitas vêzes ignora.

É por tôdas essas coisas que me vou. Vou lutar contra todos êsses males. Vou tratar de liquidá-los, junto aos povos heróicos!

A história, são os povos que a fazem e a seguirão fazendo. Êles seguirão derramando seu sangue, seguirão tombando como heróis, e daí, se levantarão mais povos, os camponeses, os operários, os estudantes, todos os bons que existem nesta humanidade tão desprezada!

Unir-se-ão todos, mamãe, e formarão o bloco mais forte que jamais se viu! Que não poderá ser vencido por nada, nem pela exploração do homem pelo homem, nem pelo imperialismo repugnante que existe nesta terra.

Vou lutar, e será minha maior honra poder cair na vanguarda dessas legiões. Por tudo isso, mãe, eu te peço que não chores, e nem me procures, mas sim, que me apóies, que lutes e que saibas tombar como tombaram os grandes da História.

Minha pátria é a América, a explorada, a miserável! Meu ideal é a libertação de todos os povos oprimidos, e, minha bandeira de luta, é a razão e a justiça.

Mãe, te quero com tôda minha vida, e quero também que tu me queiras. Agora mais do que nunca! Dá-me calor com tua luta e sempre marcharemos para a frente!

VIVA TÔDA A AMÉRICA E TODO O MUNDO LIVRE!

VIVA A REVOLUÇÃO LATINO-AMERICANA!

UM VIVA PARA OS POVOS QUE SE UNEM PARA ESSA HERÓICA LUTA!

VIVA AOS QUE TOMBARAM E SEGUIRÃO TOMBANDO PARA A EDIFICAÇÃO DE UM MUNDO JUSTO!

VIVA A TODOS OS TRABALHADORES DÊSTE MUNDO!"

Tópicos Típicos

Pedro Severino

«... Marx, ressuscitado, não se negaria a operar uma profunda revisão em suas teorias sociais e sobretudo econômicas. A começar pela Teoria da Mais-Valia, que considera o trabalho, no sentido da energia física do homem, como o único fator de produção...» (*O Globo*, 20-6, Eugênio Gudin).

ÊSTE É O MOTE. AGORA, A GLOSA:

Se Marx ressuscitasse
por acaso O Globo *lêsse*
e se no Globo *encontrasse*
tão notável calhordice
pode ser que êle sorrisse
pode ser que gargalhasse
(talvez até se engasgasse
num franco acesso de tosse)
Mas quando (se) Marx visse
do velho Gudin a face
— a pele que amarelece
e vai se tornando alface,
aquêle palor fugace
de Tutankamen precoce —
quero crer que se aturdisse
que muito, enfim, se espantasse
de que tal «coisa» falasse
e ainda mais que escrevesse
com tamanha vigarice.

PINTURA ABSTRATA SOVIÉTICA

Ilia Erenburg

Tivemos nosso período de pintura abstrata, com Malevitch e Kandinski. Na época chamava-se a isso de "suprematismo". Era um movimento preparado pela evolução da pintura entre 1910 e 1920 — mistura orgânica entre o cézannismo, então descoberto na Rússia (em 1910), e a admiração exagerada pelas tabuletas das lojas russas, no estilo de Rousseau, le *Donaznier* Constituíra-se um grupo de pintores sob o nome de "valete-de-ouros".

Quando a Revolução começou, todos os pintores acadêmicos eram contra os Bolcheviques. Alguns emigraram, outros contentaram-se em nada fazer. Devido ao próprio fato de sua ausência, os jovens puderam estabelecer uma espécie de ditadura: sua pintura foi, durante alguns anos, a *pintura oficial*. Decorava-se as ruas de Moscou com telas cubistas ou abstratas, que o povo não compreendia. Fizeram-se muitas bobagens dêsse tipo... Recordo-me de um 1.º de Maio, quando uma mulher do povo, diante de um quadro dêsses, dizia que aquilo representava o diabo, e que não era direito obrigar o povo a rezar ao diabo...

Mas tudo isso não durou muito tempo. A reação foi brutal. Tendo compreendido que o poder achava-se estável, os pintores bombeiros voltaram a pintar. Fizeram retratos oficiais, etc. É preciso insistir no fato de que o homem da rua não se achava preparado para compreender e julgar a pintura: achava-se menos preparado que o público parisiense, que tinha uma tradição artística... Depois de 1930, pouco a pouco, começou-se a retirar dos museus os quadros dos pintores do "valete-de-ouros", mesmo os do jovem Chagall.

Os jovens, atualmente, não conhecem essa pintura dos primeiros anos da Revolução. Os que fazem pintura abstrata fazem em geral, a pintura *ruim*: descobrem a América, que já foi descoberta há muito tempo...

Muitos dentre êles não conhecem mesmo o *ofício* de pintor. O melhor grupo esforça-se por prolongar o "valete-de-ouros". Houve uma exposição dêste "grupo dos oito", que foi boa e séria. Ela acarretou discussões apaixonadas e mesmo tempestuosas: mas o público dos jovens apoiava os pintores. Pois, durante êste tempo, o público continua a ir ao museu, e se sabe que, aqui *todo o mundo* vai ao museu. Veja, o caminho para a pintura moderna, isto era Rembrandt. O povo se apercebeu de que a pintura clássica era melhor do que a pintura fotográfica. E protestou.

O que penso, pessoalmente, da pintura abstrata? Pretender substituir *tôda* a pintura por ela, não, isto não é possível.

Se nossos jovens se acham entusiasmados com a pintura abstrata, é porque se trata de uma forma de protesto contra a pintura "fotografia colorida" que se apresenta a êles como sendo realista, mas que é anti-realista e antipictórica. Esta atitude de protesto, eu admito, mas não outra coisa.

Após a inflação de temas, de palavras, etc., à qual assistimos, existe agora uma necessidade de discreção, de mestria, de modéstia.

Se Você deseja saber como vive a mulher soviética, que papel ela desempenha na vida social e na família;

Se lhe interessam os problemas da educação infantil, da casa, do esporte e modas;

Se Você quer conhecer as novelas, reportagens e poesias dedicadas à mulher pelos autores soviéticos e estrangeiros:

leia LA MUJER SOVIETICA

Esta revista, mensal e ilustrada, aparece em russo, espanhol, alemão, inglês, húngaro, chinês e japonês.

Cada número de LA MUJER SOVIÉTICA traz um molde como suplemento

Faça o seu pedido

Preço da assinatura: Cr$ 350,00

No Rio de Janeiro:

Editorial Vitória Ltda.
Rua Juan Pablo Duarte 50 - sobrado
Caixa Postal 165 - Telefone 22-1613

Em São Paulo:

Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua 15 de Novembro 228 - 2º and. - sala 209

O "Jornal do Brasil" e a Classe Operária

Quem quer que acompanhe o dia-a-dia dos acontecimentos políticos, sabe qual a posição assumida pela imprensa da Guanabara em relação com a crise política. O Jornal do Brasil, por exemplo, sabe-se que tomou posição contra as tentativas de golpe da reação, contra um Gabinete antipopular, por um govêrno que enfrente os graves problemas que são o fundo mesmo da crise política Mas a certa altura dos acontecimentos mais recentes — precisamente a partir da poderosa greve deflagrada pelos trabalhadores em todo o país — o Jornal do Brasil se encheu de temores. Seu editorial do dia 12 de julho, 5.ª-feira, choca ao leitor. Vale a pena analisar algumas passagens dêste comentário principal de JB. Intitula-se "Pregoeiros da desordem". Assim são caracterizados os dirigentes sindicais porque assumem uma posição conseqüente, firme, ante a situação política e se mantêm vigilantes para impedir, na medida de suas possibilidades, manobras das cúpulas partidárias que venham ferir os interêsses dos trabalhadores e do povo.

Considera o Jornal do Brasil que os líderes sindicais "estão procurando ter, na vida nacional, uma influência que não têm o direito de exercer". Nada mais falso e mais contrário à realidade. Os trabalhadores, que são a imensa maioria da nação, têm o direito de influir nos acontecimentos políticos. Que não o queiram as classes patronais, é outra coisa. A classe operária do Brasil tampouco ultrapassou os limites de suas possibilidades atuais e da etapa que atravessamos na luta por um govêrno nacionalista e democrático, condição necessária para a melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras e do povo.

É falso também que os dirigentes sindicais — que traduzem o estado de espírito da maioria esmagadora dos trabalhadores — pretendam, como escreve o Jornal do Brasil, um Gabinete "esquerdista". Tôdas as manifestações dos sindicatos, das federações operárias, da CNTI, do Pacto de Unidade e Ação, inclusive pronunciamentos seus pela imprensa, reclamam simplesmente um Gabinete nacionalista e democrático. Nada mais.

Atribui-lhes o Jornal do Brasil a pretensão ou pelo menos o pensamento de que estariam "em condições de tomar o Poder". É mais uma deturpação grosseira dos objetivos dos trabalhadores na atual crise política. Só O Globo poderia sugerir semelhante coisa, de acôrdo com sua orientação policial provocativa.

Acha ainda o Jornal do Brasil que, nesta hora, nada de reivindicações, pois cada reivindicação "é inútil". Mas as classes dominantes não estão aí impondo ou tentando impor as suas próprias reivindicações, que não condizem absolutamente com as dos trabalhadores e mesmo lhes são contrárias? Se os patrões podem exigir aumentos de preços, por que os trabalhadores não podem exigir aumento de salários? E as reivindicações não se limitam ao terreno econômico, mas também — e de maneira crescente — ao terreno político. Os trabalhadores não podem abdicar das suas reivindicações, sob pena de trair seus próprios interêsses.

Justifica o Jornal do Brasil tudo isto na suposição de que "a Nação não quer a luta de classes. A Nação rejeita a luta de classes". Mas a luta de classes existe independente da vontade da Nação ou de qualquer classe isoladamente Ela existe e existirá precisamente porque existem classes antagônicas, com interêsses antagônicos.

"A Nação — acrescenta JB — precisa de trabalho, de ordem de paz". São os trabalhadores que trabalham, e não são êles que tomam a iniciativa de perturbar a "ordem" e a "paz". A ordem e a paz são perturbadas pelos forjadores de golpes políticos reacionários, pelos sonegadores de gêneros alimentícios, pelos beneficiários da inflação e da carestia de vida. Por que o Jornal do Brasil não denuncia a êstes, que são os autênticos "pregoeiros da desordem"?

Sabe muito bem JB que os trabalhadores não fazem "greve pela greve", "agitação pela agitação". A greve é uma arma muito mais que secular de que lançam mão os trabalhadores, inicialmente para suas lutas econômicas e, depois, quando amadurecem politicamente, para suas lutas políticas. A ela não renunciam nem podem renunciar. É uma eficiente maneira de se oporem e contraporem ao poder econômico e político que se encontra nas mãos da burguesia ou dos latifundiários, ou de ambos ao mesmo tempo, como é o nosso caso.

Os trabalhadores brasileiros estão, neste momento grave e ao mesmo tempo belo da vida nacional dando uma magnífica demonstração de patriotismo, ao revelarem um elevado grau de consciência política. Cumprem um dever para consigo mesmo e para com todo o povo.

Democracia de Lacerda

Na noite de quarta-feira, dia 11, um homem foi encontrado caído nas proximidades do Hospital Sousa Aguiar. Com os pés e as pernas terrivelmente inchados, não podia andar. Seu rosto e suas costas apresentavam-se cheios de escoriações, deformados; fôra esbordoado cruelmente durante uma semana inteira pela polícia do fascista Carlos Lacerda. Seus algozes, temendo que êle viesse a morrer no cubículo onde diàriamente o supliciavam, aplicando-lhes choques elétricos, esmurrando-o, cobrindo-o de cassetetes, largaram-no ali.

José Vieira Muniz, o espancado e seviciado, é um operário, comerciário, residente na rua dos Arcos. Na noite de 4 do corrente encontrava-se na gare da Central do Brasil, quando trabalhadores iniciaram ali um pequeno comício concitando seus companheiros ferroviários a aderir à greve geral que comoveu o país, parando-o durante 24 horas no dia 5 de julho. Aplaudia os oradores, e em determinado momento aparteou um popular, apoiando-o. Foi o suficiente para que policiais lacerdianos o agarrassem e o levassem prêso, como "elemento subversivo" e "perigoso agitador". No 11.º distrito policial foi submetido a cretino interrogatório comandado pelo delegado Ari Leão que, aos berros, ordenava aos beleguins o espancamento do "comunista". Os tiras queriam forçá-lo a assinar uma "confissão" de que tentava impedir operários de se dirigir ao trabalho. Como resistisse, foi atirado nas famigeradas celas dos porões da Central do Brasil, onde sofreu os mais brutais vexames e esbordoamentos. Dali apenas foi retirado semimorto, e largado pelos policiais do governador golpista nas cercanias do Sousa Aguiar, onde teria sucumbido se seus gemidos não houvessem chamado a atenção de transeuntes.

Assim é a democracia de Lacerda.

FÚRIA DE LACERDA É IMPOTENTE CONTRA A GREVE

Lacerda continua a levar avante o seu plano terrorista na Guanabara voltando-se particularmente contra os trabalhadores. Todos se recordam do fracasso vergonhoso do governador da UDN durante a memorável greve geral. Comprometera-se com as entidades patronais em impedir a deflagração da greve no Rio. Mas o fato é que a cidade amanheceu no dia 5 — uma quinta-feira — com o aspecto de domingo. Desesperado, Lacerda saiu pelas ruas centrais, agredindo os bancários e ouvindo amargas verdades. A Guanabara parou por 24 horas.

Agora, Lacerda pretende voltar à forra. Furioso, investiu contra os rodoviários cariocas, prendendo os seus líderes e dezenas de trabalhadores, processando-os como "desordeiros" incursos na famigerada Lei de Segurança, mandando metralhar o sindicato, forçando à mão armada alguns motoristas a saírem em seus veículos. Demonstrou todo o seu ódio raivoso mas impotente contra os operários. Em face da intervenção conciliatória das autoridades do I Exército, ameaçou mais uma vez renunciar (ameaça que repete a todo instante, mas infelizmente nunca leva à prática).

Por mais brutais que tenham sido e continuem a ser as violências, a realidade, porém, é que Lacerda teve que fazer face a mais uma greve — que êle, repetindo a argumentação "jurídica" de seu parceiro Armando Falcão, considera "ilegal", em face do decreto 9.070, fascista e inconstitucional.

Compreendemos perfeitamente a raiva e a histeria de um homem como Lacerda em tais circunstâncias. Como um bom agente do imperialismo e da reação, é para êle motivo de pavor a movimentação da classe operária por seus interêsses e em defesa da democracia e da independência nacional. Lacerda, Juraci, Amaral Peixoto, Herbert Levi, Roberto Marinho e outros reacionários consideram os trabalhadores e o povo como uma "corja" que se deve manter passiva e conformada, sem o direito de lutar pelas suas reivindicações e pelos interêsses nacionais. Mas êsse tempo já passou. E o desespêro de Lacerda está em que não pode fazer a história girar para trás...

TRIBUNA ANTICOMUNISTA

O Jornal de que é fundador o sr. Carlos Lacerda — *Tribuna da Imprensa* — está passando ùltimamente por uma reforma. Estava reduzido a nada, simples boletim pessoal do malogrado administrador em má hora eleito para o govêrno da Guanabara. Só lhe restava uma alternativa: fechar as portas ou tentar uma renovação. Fêz-se uma componenda com o grupo econômico do *Jornal do Brasil*, modificou-se a direção, mas os Lacerdas continuaram a figurar nela.

Foi-se ver, não houve nada. Os Stefan Baciu tiveram alguns dignos sucessores. O anticomunismo lacerdiano continua a dar a nota à *Tribuna de Imprensa*. Alguns senhores que ainda se intitulam de "esquerdistas" — porque isto rende vantagens em certos setores da burguesia — brilham nas páginas de TI, alguns com os próprios nomes com que assinam artigos num magazin de luxo para senhores; outros ocultam-se, mal e mal, sob pseudônimos. E vomitam seu anticomunismo irritado, sem deixar porém de insinuar-se como "esquerdistas".

No comêço, *Tribuna da Imprensa*, certamente, ainda enganará a algumas pessoas incautas, que acreditavam no programa pretensioso de "uma nova tribuna". Concedem-lhe entrevistas, colaboram com artigos ou crônicas. Mas o nível da tribuna não se elevou muito. Permanece o antigo: lacerdiano. *Tribuna da Imprensa* fêz bem ao conservar o nome de seu fundador — Carlos Lacerda, e do filho dêste como um de seus diretores atuais. Mesmo que os retire hoje, se continuar neste nível, ninguém se enganará. Pretender concorrer com o órgão oficial do anticomunismo, *O Globo*, vai ser apenas uma edição modificada do jornal do Comendador.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Grandes Empresas 4-A (Rio-GB)	500,00
Moradores de Bemfica (Rio-GB) ...	400,00
Um amigo (Rio-GB)	50,00
Antônio Santos (Nanuque-MG)	1.230,00
AJUDA A VIÚVA DO CAMPONÊS JOÃO PEDRO TEIXEIRA	
Moradores da Guanabara	4.755,00
Operários da Cia. Ferro Maleável (Rio-GB)	2.060,00
Total	6.815,00

BRASIL TEM CRÉDITO DE 400 MILHÕES DE DÓLARES NOS PAÍSES SOCIALISTAS

Na sua campanha contrária à política externa independente, defendida pelas fôrças nacionalistas, "O Globo" bateu, ontem, um nôvo recorde em matéria de mistificação e mentira. Afirma, com efeito, que "todos os países comunistas, inclusive a Rússia, devem dinheiro ao Brasil". Trata-se, segundo se depreende, de um comentário do desarvorado vespertino, de possíveis saldos credores do Brasil naqueles países, ou em alguns dêles. Com um pouco mais de "habilidade", a mesma tese foi desenvolvida num trabalho elaborado pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, já denunciado por êste jornal e na Câmara dos Deputados.

Que se passa, em verdade? O que se dá é que nas trocas comerciais entre o Brasil e os países socialistas, em alguns casos êstes últimos tem feito maiores compras ao Brasil do que o Brasil a êles. E como o comércio com tais países desenvolve-se dentro de acôrdos bilaterais, isto é, o pagamento das mercadorias importadas é feito com as mercadorias exportadas, se uma das partes deixa de comprar à outra ou se o faz em volume menor, é claro que se formam saldos. No comércio do Brasil com os países socialistas, o que a realidade tem mostrado é que ora os saldos se formam a nosso favor, ora contra nós. Assim tem sido nestes breves anos de existência dêsse comércio. Não dispomos dos dados finais relativos ao ano de 1961, mas desde já podemos afirmar que se existem saldos favoráveis ao nosso país, isto se deve principalmente ao fato de termos comprado menos do que o estabelecido nos acôrdos bilaterais e menos do que os referidos países nos compraram. E, por que e assim? Por uma série de razões, avultando entre elas as dificuldades levantadas no Brasil ao comércio com os países socialistas.

A ampliação do comércio exterior, para qualquer país subdesenvolvido, é uma arma importantíssima na luta pela sua emancipação econômica. Essa a razão pela qual "O Globo" e os entreguistas de todo naipe opõem-se desesperadamente ao comércio com todos os países, elemento essencial de uma política externa independente. Sabem êles que, na medida em que dependermos menos do mercado norte-americano, também dependeremos menos dos seus patrões, os imperialistas norte-americanos.

"O Globo" afirma, ainda, que a nova política seguida pelo Itamarati está criando dificuldades adicionais ao Brasil no terreno do câmbio. De fato, essas dificuldades sempre existiram e a nova política externa é uma reação contra elas, é o caminho a seguir para fazer frente a elas. Por acaso seguíamos uma política externa independente, em 1954, quando os acôrdos comerciais obrigaram o sr. Gudin a ir a Washington de sacola em punho implorar o empréstimo de 300 milhões de dólares? Por acaso seguíamos uma política independente entre 1954 e 1960, quando o preço do café em dólares reduziu-se a um terço do que era?

São fatos. Como é um fato que ainda têrça-feira última, na Conferência Mundial do Café, o sr. Michael Blumenthal, falando em nome do Departamento de Estado, afirmou que o acôrdo mundial do café, em negociação, não determinará a elevação do preço do produto. Segundo o sr. Blumenthal, trata-se e de estabilizar o preço, mas estabilizá-lo no nível baixo a que caiu e em que se encontra, dizemos nós.

A VERDADE: CRÉDITOS AO BRASIL

Entretanto, para evidenciar a grosseira mentira de "O Globo", basta recordar que a Missão Dantas, que percorreu alguns países socialistas da Europa em princípios do ano passado, obteve créditos em favor do nosso país não de 4 ou 5 milhões de dólares (que a tanto montarão, se existirem, os saldos trombeteados pelo "O Globo"), mas créditos no valor de 400 milhões de dólares.

Por que não utilizamos tão grande vantagem? Por que, numa situação cambial difícil, desprezemos 400 milhões de dólares, que poderiam proporcionar-nos máquinas e equipamentos de primeira qualidade? A resposta a esta pergunta está precisamente em iniciativas como esta do jornal do sr. Roberto Marinho: sabotam o comércio com os países socialistas a fim de poderem fabricar pasto para suas falsidades.

Danilo Nunes

Danilo Nunes foi convidado para pronunciar uma conferência na Associação Comercial do Rio de Janeiro. Sim, senhores, na mesma Associação Comercial onde pontifica um émulo seu dos mais notórios, o fascista Rui Gomes de Almeida. Onde discursa também freqüentemente outro fascista ainda mais empedernido, o sr. Behring de Matos, financiador de campanhas anticomunistas. Portanto, o antigo policial Danilo Nunes foi chover no molhado. Como era de esperar de sua consabida boçalidade, deu uma interpretação policial aos fatos da atual crise política, segundo o resumo de sua palestra em O Globo do dia 12.

Danilo Nunes queria — e o disse claramente — que as tropas do Exército fôssem lançadas contra os trabalhadores em greve e contra o povo nas demonstrações ante a sonegação de gêneros em cidades do Estado do Rio. Queria que os trens da Central e da Leopoldina tivessem sido ocupados pela fôrça militar. Porque não o fêz, o general Osvino Alves é objeto de sua crítica irritada.

Por que Danilo Nunes não explica os motivos de seu completo fracasso como secretário da Agricultura do govêrno de Lacerda? O fato evidente é que, tendo ocupado aquela secretaria até poucos dias, justamente na sua gestão faltaram ou escassearam gêneros alimentícios na Guanabara, motivando a especulação mais desenfreada dos sonegadores de produtos e as imensas filas que tiveram que suportar os cariocas. Danilo Nunes passa sôbre êste assunto como gato sôbre brasas. Porque sua permanência na Secretaria de Agricultura foi apenas um trampolim para sua candidatura a deputado federal, oportunidade para a arregimentação de cabos eleitorais.

Esquece Danilo Nunes que nesse cargo os cariocas o conheceram melhor — simples politiqueiro que é, negação do administrador, reacionário furioso que só se lembra dos trabalhadores em função de repressões e violências policiais. Demonstrou esta sua última qualidade, uma vez mais, num ódio incontido à classe operária, nas tolices que alinhavou para os membros da Associação Comercial.

A Verdade Sôbre o Massacre de Camponeses em Porangatu

Nestor Vera
Secretário da ULTAB

Logo que a ULTAB tomou conhecimento dos acontecimentos de Porangatu, fomos enviado pela nossa entidade a êsse município goiano, pois se tratava de um movimento dos posseiros daquela região, liderados pela Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Serrinha, organização filiada à ULTAB.

A região de Porangatu, onde se registraram os graves acontecimentos em que foram assassinados mais de uma dezena de posseiros, é uma vasta área de terras devolutas nos córregos: Cana Brava, Amargoso, Rio do Ouro e Serrinha, de mais de 400 mil hectares, ocupada em sua maioria por posseiros, muitos dos quais residentes nessas terras há 30 e 40 anos. Aí estão as fazendas São Lourenço do Paraíso, com uns 100 mil hectares; Vaca dos Índios, com 75 mil; Mocombinho, com 60 mil hectares; Registro Torrens, com 25 mil hectares, da Brasil Cia. de Segunros; Santo Antônio, com 12 mil hectares; Funil e outras.

Depois da abertura da Estrada Belém-Brasília e da construção de Brasília, a cobiça dos grileiros chegou ao auge. Querem expulsar os posseiros e apoderar-se dessas terras para negociatas, devido ao valor que adquiriram, com o surgimento das vias de comunicações e da construção da nova capital da República.

Há uns anos atrás, os posseiros criaram a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Serrinha, Município de Porangatu, sendo eleitos para a Diretoria, João Pereira, Otacílio Frade e José Gonçalves, pessoas de confiança dos posseiros, que desde então vêm lutando junto ao govêrno de Goiás, a fim de que lhes sejam entregues os títulos legais de posse.

Em 10 de julho de 1961, na cidade de Porangatu, quando lá estêve o governador Mauro Borges Teixeira, o sr. José Gonçalves, em nome de sua Associação, entregou-lhe um documento, com dados concretos, que se iniciava da seguinte maneira: «Apraz-me com o presente passar às mãos de V. Excia., os dados da grilagem das fazendas FUNIL E SANTO ANTÔNIO, neste município, conforme descriminação abaixo». Nesse documento, José Gonçalves mostrava a ação dos grileiros nos córregos Cana Brava, Amargoso e tôda a região de Serrinha — unidos com as autoridades locais: dr. Sírio Rodrigues, Juiz de Direito; Moacir Ribeiro de Freitas e João Batista de Souza, Promotor Público — nas terras dos posseiros já divididos pelo governador Pedro Ludovico Teixeira, em 1957. Termina o documento fazendo um apêlo ao governador nos seguintes têrmos: «Confiantes pois, sr. governador, de que V. Excia., pelo alto tirocínio administrativo que vem assumindo as regras do Estado, tudo fará no que acima expus, a bem da tranqüilidade e felicidade dessa gente pobre, humilde, trabalhadora, onde se alicerça um dos marcos básicos do engrandecimento dêste município, do Estado e da Nação, determine uma recisória, pois com tamanhas perseguições, achamo-nos na iminência de precipitar o futuro de nossas famílias — JUSTIÇA!»

POSSEIROS DENUNCIAM

Nessa época, reunimos uma grande assembléia na Associação de Serrinha, em preparação do Congresso de Belo Horizonte, e os grileiros já estavam atacando. Como decisão da Assembléia, foram enviados a Porangatu os diretores da Associação, solicitando do governador medidas contra os jagunços e grileiros e garantia para os posseiros.

No dia 14 de agôsto, José Gonçalves, em nome da Associação dos Camponeses estêve no Palácio, onde apresentou a decisão dos posseiros, que reclamavam do govêrno a entrega imediata dos títulos legais de posse para as 800 famílias de pequenos posseiros da região de Serrinha e mais uma vez pedia providência contra a ação dos grileiros. Denunciou ao próprio secretário da Segurança, sr. Rivadávia Xavier Nunes, que o grileiro José Lopes, estava acumulando armas para o ataque aos posseiros. No dia 5 de outubro, os grileiros assassinaram o posseiro Miguel Soares Pereira, deixando viúva e 8 filhos menores. Novamente José Gonçalves vem ao govêrno e denuncia o bárbaro assassinato, mostrando o plano de massacre de posseiros e a revolta da população, tanto urbana como rural, pelo que estava acontecendo. Os jornais de Goiânia, como o «Diário da Tarde» e o «Diário do Oeste», denunciaram há pouco o massacre que se preparava contra os posseiros de Porangatu, e afirmava: «As notícias chegadas ao nosso conhecimento informam que todo o arsenal que já se encontra na região está em poder dos senhores José Lopes, José Alencar e José Lourenço no lugar denominado «Córrego Fundo», no município de Porangatu. «Tais armas foram conduzidas até a região pelo indivíduo Adelino Américo, genro do grileiro José Lopes. O governador Mauro Borges estava a par de tudo, porque o caso não é nôvo, mas nenhuma medida tomou.

Em 21 de abril de 1956, o «Jornal de Notícias», então do deputado Alfredo Nasser — ministro da Justiça até há poucos dias — em manchete na primeira página, estampava: «Vai rever o govêrno a questão dos posseiros de Porangatu». e dizia: «Não se pode confundir o verdadeiro proprietário com o grileiro que forja documentos falsos para expoliar humildes e o patrimônio do Estado». O governador Mauro Borges nenhuma medida tomou em favor dos posseiros. Ao contrário, deu tôda proteção aos grileiros, que continuaram atacando os camponeses, chegando agora aos graves acontecimentos: jagunços e grileiros assassinaram, no mês de junho, 12 posseiros de maneira mais horripilante. Uns, depois de mortos, tiveram cortadas a língua e as orelhas, como foi o caso do posseiro «Badu», outros foram jogados em uma cisterna, dois foram presos na capela de Serrinha e sangrados como porcos. Mais de 20 casas foram queimadas.

QUE FÊZ O GOVERNADOR?

O governador Mauro Borges Teixeira mandou a Porangatu, 3 de seus secretários: Rivadávia Xavier Nunes, da Segurança Pública, Wilson da Paixão, do Interior e Justiça, e Ary Deméstenes de Alimeida, entre os dias 14 a 16 de junho. O que êles fizeram foi dar todo apoio aos grileiros e às autoridades de Porangatu, que são latifundiários e chefes dos jagunços e mandantes dos crimes. Para auxiliá-los na perseguição e massacre aos posseiros, enviou 120 policiais armados até os dentes com fuzis, metralhadoras, bazucas, bombas, granadas e 100.000 tiros — comandados pelo coronel José Joel Marcos, comandante da Polícia Militar, homem de tôda confiança do governador Mauro Borges, ligado a Carlos Lacerda e pessoa de instintos bestiais e selvagens. Os policiais, logo que chegaram a Porangatu, uniram-se aos grileiros e jagunços, em número acima de 100, e desencadearam o terror na região. Atiraram nos posseiros, incendiaram casas, invadiram outras, saqueando tudo que pegavam. Rasgaram sacos de arroz e feijão, colchões e cobertas. Espancaram velhos e mulheres, forçando-os a dizer onde estava o «chefe dos posseiros» e a apontar as casas dos dirigentes da Associação. Uma foi queimada e as outras foram invadidas a altas horas da noite, arrebentando-se portas e paredes. A sede da Associação foi ocupada pela polícia e jagunços. A jagunçada recebia 3.000 cruzeiros por dia e outros seriam pagos com as terras tomadas dos posseiros. A essa corja de bandidos, os latifundiários da região davam churrascos, bebidas, cigarros e boa alimentação, diàriamente. O govêrno tem um gasto de cêrca de 200 mil cruzeiros diários com êsse contingente policial em Porangatu.

Êsse plano de massacre dos camponeses é tramado dentro do próprio Palácio. Os grileiros Joaquim Faria e dr. João Afonso Borges, advogado e professor da Faculdade de Direito de Goiânia, especialista no roubo de terras do Estado, vive diàriamente no Palácio tomando uísques, à vontade e preparando despêjo de camponeses.

O Departamento de Terras e Colonização de Goiânia é um instrumento dos grileiros que envolve todo o govêrno. O governador Mauro Borges tem um plano premeditado com um contingente policial de mais de 100 homens bem treinados e armados para reprimir todos os movimentos de pequenos posseiros que lutam pela terra para trabalhar. Êste contingente policial é o que no ano passado atacou de maneira brutal os posseiros de Goianésia, despejando-os das terras. O mesmo fizeram com os posseiros de Formosa, recentemente em Jussara e agora em Porangatu. Nesse sentido, o governador Mauro Borges, segundo se sabe, vem recebendo todo apoio do presidente da República, sr. João Goulart, que tem fazenda em Uruaçú, no Estado de Goiás. Agora se preparam para atacar os posseiros de Palmeiras, Alvorada, Curupi, Peixe, Paranã, Crixá, Trombas e Formoso.

LUTA CONTINUA

Goiás é hoje um barril de pólvora. As lutas entre posseiros e grileiros acirram-se de maneira violenta. O governador Mauro Borges, que durante sua campanha eleitoral pregava que, caso fôsse eleito, resolveria a situação dos posseiros goianos entregando-lhes os títulos legais de posse, pondo os grileiros na cadeia e trazendo a tranqüilidade às zonas rurais, vem fazendo o contrário do que prometeu. E' o govêrno recordista no assassinato de humildes posseiros. Os assassinos jagunços e grileiros estão todos soltos e protegidos pelo próprio govêrno.

E' necessário levar esta denúncia a todo o povo brasileiro a fim de que a opinião pública em geral, conheça a verdade a respeito do que se vem passando em Porangatu e das atitudes do governador Mauro Borges.

Apesar de tudo o que ocorreu em Porangatú, do esfôrço que o govêrno e os latifundiários fizeram para esmagar o movimento dos posseiros daquele município, com a finalidade de intimidar os camponeses goianos e liquidar com todos os posseiros, a luta dos camponeses de Serrinha, Cana Brava, Amargoso, Serra Azul, Rio do Ouro e outros lugares não terminou. Ela surgirá dentro de pouco tempo com muito mais vigor até a conquista definitiva dos títulos legais das suas terras e a derrota total dos grileiros. E' necessário que, em todo o país, as associações camponesas, os sindicatos rurais, os sindicatos dos operários da cidade, as entidades estudantis e as demais fôrças patrióticas se dirijam ao governador Mauro Borges, protestando contra os crimes de Porangatu. Que se faça um amplo movimento de ajuda às famílias dos 12 posseiros assassinados e que se preste tôda solidariedade aos camponeses goianos. Mais do que nunca, é necessário a solidariedade aos posseiros de Porangatu, Formoso e Trombas e de todo o Estado de Goiás.

O XVIII Congresso do PCU - Legítima Expressão Dos Interêsses Nacionais do Povo Uruguaio

Entre 29 de junho e 1º de julho, realizaram-se, em Montevidéu, os trabalhos do XVIII Congresso do Partido Comunista do Uruguai. O Congresso teve o caráter de acontecimento de grande relêvo na vida política do país irmão. A sua importância ficou ainda mais ressaltada pela presença de numerosas delegações fraternais de partidos comunistas de outros países, recebidas pelos congressistas com entusiasmo e carinho. O Partido Comunista da União Soviética esteve representado pelos camaradas A. Rumiantsev, membro do Comitê Central, E. Bugaev, membro da Comissão Revisora, e N. Mastovets. Representando as Organizações Revolucionárias Integradas de Cuba, compareceram os camaradas Blas Roca, membro do Comitê Central e diretor do diário **Hoy**, José Alberto Naranjo y Morales, prefeito de Havana, e Pedro Romero, dirigente juvenil. Renzo Trivelli e Raoul Calas, membros dos Comitês Centrais dos Partidos Comunistas da Itália e da França, foram delegados dos seus respectivos partidos. Estiveram presentes ainda delegações dos partidos comunistas da Espanha, Argentina, Brasil, Bolívia, Equador, Chile, Colômbia, Paraguai e Peru. Numerosos outros partidos comunistas e operários enviaram mensagens de saudações.

LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL E PELO PROGRESSO DO POVO URUGUAIO

O XVIII Congresso ouviu os informes e intervenções dos camaradas Rodney Arismendi, primeiro secretário do PCU, Alberto Suarez, Enrique Rodriguez, José Massera e outros dirigentes do partido, que puseram em evidência a combatividade do povo uruguaio na luta por uma autêntica independência nacional, pelo progresso social e por uma política externa de defesa da paz e de amizade com todos os povos.

A economia uruguaia se encontra maniatada pelo imperialismo norte-americano, particularmente após as concessões do atual govêrno «blanco» ao Fundo Monetário Internacional, que impôs ao país uma política financeira ruinosa. A política ianque de escoamento dos excedentes de trigo, através de acôrdos como os que foram celebrados também com o Brasil, afetou sèriamente o Uruguai, cuja produção tritícola se reduziu à metade, chegando o país a importar trigo, quando antes era tradicional exportador. O latifúndio, que continua se reforçando, agrava esta situação, freando o progresso do país. Na indústria e no comércio, alastra-se o desemprêgo.

Os comunistas uruguaios se encontram na vanguarda da luta pela revolução antiimperialista e antifeudal. Esforçam-se para criar a «frente das esquerdas», enfrentando com espírito unitário a negativa, até agora, do Partido Socialista. Consideram os comunistas uruguaios que se encontram, presentemente, num período de acumulação de fôrças. No momento atual, concentram seus esforços na preparação para as eleições, que se verificarão em novembro dêste ano.

O Partido Comunista do Uruguai se encontra fortemente enraizado na classe operária. Entre os delegados ao XVIII Congresso, 70% eram operários. O PCU exerce notável influência também entre outras camadas, particularmente entre os intelectuais. Destaca-se, em especial, a numerosa e entusiástica participação feminina nas atividades do Partido. No processo de preparação do Congresso, foram recrutados centenas de novos membros.

O conclave se encerrou com imponente ato público, que contou com irradiação, no Stadium Platense, tendo usado da palavra, entre outros, Rodney Arismendi, Alberto Suarez, Enrique Pastorino, [illegible] Naranjo y Morales e o delegado brasileiro, em nome das delegações fraternais da América do Sul.

Comunistas de S. Paulo Repudiam Jânio, Bonifácio e Ademar: União Por um Candidato Nacionalista

No encerramento da sua Convenção Estadual, em ato público realizado no Centro do Professorado Paulista, ao qual compareceu grande massa de trabalhadores e populares, além de personalidades e líderes de partidos políticos, os comunistas de São Paulo tornaram público o documento que abaixo transcrevemos:

«O povo paulista está sofrendo o desenfreado aumento do custo de vida, diante do qual os governos federal e estadual nada fazem. As lutas por novos níveis salariais e por melhores condições de vida, o govêrno do sr. Carvalho Pinto, apoiado no govêrno federal, responde com a repressão policial, violando os direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, inclusive o de não morrer de fome. Do mesmo modo, são reprimidos os estudantes que lutam pela reforma universitária.

«Os pequenos, médios e parte dos grandes industriais brasileiros sofrem a concorrência dos norte-americanos, para os quais os governantes concedem cada vez maiores privilégios. Os latifundiários mantêm os camponeses na mais extrema miséria.

«Dentro dêste quadro do aumento crescente das dificuldades do povo para viver é que vem se desenvolvendo a campanha eleitoral. O próximo pleito é uma arma, pois, para conseguir importantes mudanças na situação política do Estado e do País e para o atendimento das reivindicações do povo.

«Uma grande bancada de deputados nacionalistas e democratas contribuirá para a constituição de um Conselho de Ministros que realize as reformas de base e para que sejam votadas as leis sôbre direito de greve, a limitação da remessa de lucros para o Exterior, a reforma agrária, além de outras necessárias ao desenvolvimento econômico do país e à ampliação da democracia.

«Também no nosso Estado, a eleição de uma grande bancada progressista para a Assembléia Legislativa e de um governador nacionalista, que realize um govêrno para o povo e não para a oligarquia paulista e para o imperialismo, será um grande passo no sentido de contribuir para a emancipação nacional, criando uma base sólida para um govêrno federal patriótico e democrático, capaz de empreender as modificações de estrutura exigidas pela nação.

«Neste momento, disputam o govêrno de São Paulo, principalmente, três candidatos: os srs. José Bonifácio, Ademar de Barros e Jânio Quadros. Suas candidaturas não surgiram das necessidades e protestos do povo, mas sim das confabulações daqueles que oprimem, negam os alimentos essenciais, rebaixam os salários e [illegible] do povo paulista. E tanto isso é verdade que os três já passaram pelo govêrno do Estado, sempre servindo aos imperialistas e aos latifundiários — e a miséria, a carestia e a fome continuam.

«Ao examinarem o atual quadro da sucessão paulista, os comunistas consideram que isso se dá porque os trabalhadores, os camponeses, os estudantes, os intelectuais, os comerciantes, os industriais não comprometidos com os trustes norte-americanos, enfim, os patriotas e democratas não foram ouvidos. Os inimigos do povo paulista querem impor seus candidatos. E as grandes massas — que vão decidir sôbre o futuro governante — não podem aceitar tal imposição.

«Por isso, devem lutar por um candidato que, unificando as fôrças progressistas, tome posição firme contra a exploração norte-americana, contra o latifúndio, contra a política econômico-financeira do govêrno federal, ditada pelo FMI, e pela reforma agrária radical e completa, pela limitação da remessa de lucros para o exterior, pela reforma urbana (que liquide com a exploração do povo pelos grandes proprietários de imóveis), pela encampação da Light, Bond and Share, CTB, SANBRA, Anderson Clayton e frigoríficos estrangeiros, à base do custo histórico, pela ampliação da democracia e por uma política externa de paz, desarmamento, autodeterminação dos povos e relações com todos os países do mundo.

«PAULISTAS! — Já que a oligarquia tem três candidatos, lutemos por um outro que unifique as fôrças patrióticas e democráticas e não seja uma imposição dos que nos exploram e nos oprimem.

«Ao mesmo tempo que exigimos do sr. João Goulart e do Congresso Nacional a formação de um govêrno nacionalista e democrático, neste momento em que o povo, com a classe operária à frente, eleva suas lutas para conquistar êste objetivo, unamo-nos e façamos surgir em São Paulo um candidato dos patriotas que realize no govêrno do Estado a reforma agrária de verdade e não igual à de José Bonifácio e Carvalho Pinto, que encampe as emprêsas de serviço público, de acôrdo com as exigências do povo, que combata a carestia e assegure o abastecimento, que coloque os recursos do Estado, que provém do povo, a serviço das grandes massas populares; que assegure as liberdades democráticas, enfim, que inicie medidas visando liquidar com a dominação do latifúndio e do imperialismo norte-americano em nosso Estado.

Derrotemos os candidatos entreguistas e [illegible] os democratas e nacionalistas.

História do PCUS Em 10 Volumes

Recente resolução do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética determinou a elaboração, pelo Instituto de Marxismo-Leninismo, anexo ao CC do PCUS, de uma edição de vários tomos da História do **Partido Comunista da União Soviética.** A grande obra **compreenderá um total de 10 volumes.**

A nova História do PCUS deve estar completa até 1967, quando se comemorará o cinqüentenário da Revolução Socialista de Outubro.

A obra em aprêço será uma profunda generalização científica da experiência do Partido Comunista da União Soviética e dos povos da URSS, os primeiros a abrirem o caminho para o socialismo, construí-lo e empreenderem a transição para a sociedade comunista.

A nova História do Partido Comunista da União Soviética, em tais proporções — pois hoje é apenas um tomo único — mostrará a contribuição de Lênin à teoria e à prática da luta de libertação do proletariado nas novas condições históricas, esclarecerá a essência e o significado da etapa leninista no desenvolvimento do marxismo.

Atribui-se à nova História do Partido Comunista da União Soviética uma tarefa das mais importantes: mostrar o papel do PCUS, o primeiro partido operário marxista a tomar o Poder à burguesia e implantar a ditadura do proletariado, no movimento comunista mundial, assim como sua influência, a transmissão de suas experiências vitoriosas na construção do socialismo em diferentes países da Europa e da Ásia. Influência poderosa exerceu êle também no desenvolvimento de todo o movimento operário e comunista internacional.

Por sua vez, que papel desempenharam os partidos comunistas dos diversos países sôbre o Partido Comunista da União Soviética e a edificação da sociedade socialista? Será êste outro capítulo importante da obra empreendida pelo Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou.

Por isso a História em aprêço compreenderá também a fundação e a atividade da Internacional Comunista, o triunfo das revoluções socialistas numa série de países, as conferências de representantes dos partidos comunistas e operários e outros importantes acontecimentos.

Que foram as lutas contra os divisionistas, os revisionistas, a ideologia pequeno-burguesa, o dogmatismo, o sectarismo no movimento operário e comunista internacional — é o que mostrará detalhadamente a nova História do PCUS.

Naturalmente, os acontecimentos envolvem líderes, dirigentes, personalidades. A História do PCUS em 10 volumes destacará, no seu devido lugar, as principais personagens da primeira revolução socialista conhecida na História da civilização. Não só Lênin, cuja biografia é sobejamente conhecida, mas também seus colaboradores mais próximos, alguns dêles homens cujos nomes tiveram na sua época repercussão internacional. Muitos eram simples operários que se tornaram dirigentes revolucionários por seus talentos, sua firmeza, sua abnegação.

A propósito, recorda-se que Lênin dizia: «Não é difícil ser revolucionário quando a revolução já eclodiu e propagou-se, quando aderem à revolução todos e quaisquer uns, por simples entusiasmo, por ser moda, até mesmo, algumas vêzes, por interêsse pessoal de fazer carreira» (...) «Muito mais difícil — e mais valioso — é ser revolucionário quando ainda não há condições para uma aberta e direta ação de massas, uma efetiva luta revolucionária e se tem que defender os interêsses da revolução (...) em instituições não revolucionárias e, freqüentemente, abertamente reacionárias, numa situação não revolucionária, entre a massa, incapaz de compreender imediatamente a necessidade de método revolucionário de ação».

Na História do PCUS serão estudados, de maneira profunda e objetiva, todos os materiais aparecidos nos últimos tempos: documentos, cartas que eram pouco conhecidos e que mostram os erros de Stálin, suas vacilações, como, por exemplo, no período da discussão de assuntos filosóficos (1908-1909); sôbre os problemas da luta contra os liqüidacionistas; em março e abril de 1917; no período do VI Congresso do Partido Comunista; sua posição conciliadora com os traidores da Revolução de Outubro: Kámeniev e Zinoviev, a qual foi expressa, em parte, numa declaração da Redação de Pravda de 20 de outubro de 1917, e sua posição na reunião do Comitê Central de 20 de outubro de 1917; no período da guerra civil e particularmente nas frentes Sul e Sudoeste, etc.

Serão analisados e denunciados sobretudo as sérias violações de Stálin aos preceitos leninistas, o abuso do Poder, seus erros políticos e militares antes e durante a guerra, erros que conduziram a uma série de pesadas derrotas, que podiam ter sido evitadas se Stálin tivesse encarado a situação real nas frentes de batalha e tivesse levado em consideração as propostas dos conselhos militares das frentes. Assim, por exemplo, poder-se-ia ter evitado o desastre de Kiev em 1941, a catástrofe junto a Kharkov na primavera de 1942, em resultado da qual as tropas fascistas chegaram até o Volga. Deve-se falar também sôbre a responsabilidade de Stálin pelas repressões contra quadros do Partido, do Estado e militares, assim como mostrar os erros de Stálin em questões de política externa, na direção da agricultura e em outras questões.

Ao restaurar plenamente a verdade histórica, a nova História do PCUS objetiva ao mesmo tempo não cair no unilateralismo. Assim, esclarecerá de maneira aprofundada todo o conjunto de fatos, inclusive aquêles que mostram que Stálin estava em posições teóricas e políticas justas, apoiando Lênin. A História ficará isenta de todo e qualquer exagêro, tanto positivo como negativo, do papel de Stálin na história do Partido Comunista da União Soviética.

No entanto, será exaustivamente demonstrado o malefício do culto à personalidade de Stálin, o que, embora entorpecendo, não pôde deter o desenvolvimento progressivo da sociedade soviética, mudar a natureza do regime socialista, abalar as bases orgânicas, políticas e teóricas do Partido Comunista.

Naturalmente, a História do PCUS divulgará um abundantíssimo material, em parte inédito, que esclarecerá multilateralmente fatos pouco conhecidos. Particular atenção terá a época recente, que se seguiu ao XX Congresso do PCUS — época justamente considerada de reviravolta, em muitos aspectos, na construção do socialismo em sua etapa de transição para o comunismo.

(Condensado do PRAVDA)

DESARMAMENTO E PAZ: CONGRESSO TERMINOU COM APÊLO ÀS POTÊNCIAS

A mais importante e representativa das assembléias internacionais contra a guerra e em defesa da paz inaugurou-se dia 9 e encerrou-se dia 14 de julho em Moscou. Assistiram ao Congresso Mundial pelo Desarmamento e a Paz 2.200 representantes de 120 países de todos os continentes.

O Congresso, que recebeu inúmeras mensagens de eminentes figuras como o filósofo inglês Bertrand Russel e o primeiro-ministro cubano Fidel Castro, realizou-se num momento em que se aguça a tensão internacional, com os EUA explodindo bombas atômicas e termonucleares, e desembarcando tropas na Tailândia; com o bando de Chiang Kai-chek amençando uma incursão contra a China Popular; com a questão alemã, de Berlim em particular, sem solução; enfim com a continuação do impasse sôbre o desarmamento ansiosamente desejado pelos povos e impedindo pelos interessados nos negócios rendosos dos preparativos de guerra.

Traduzindo os anseios populares de solução pacífica para todos os problemas internacionais pendentes, o presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikita Kruschiov afirmou que "a ameaça de uma guerra mundial realmente existe", acrescentando que "os Estados Unidos estão realizando provas de armas nucleares na estratosfera sem levar em consideração que essas experiências podem ter conseqüência sumamente perigosas para a vida humana". Advertindo que "se os agressores desencadearem a guerra nuclear, queimar-se-ão em suas próprias chamas", Kruschiov concluiu dizendo: "O govêrno soviético confiou-me a tarefa de declarar aqui que os povos de nosso país querem viver em paz com o povo norte-americano. Os dois povos não têm motivos de hostilidades recíprocas". E fêz um apêlo em nome do povo soviético ao povo norte-americano, para que unam seus esforços em prol da paz.

Na sessão de encerramento do Congresso foi aprovado importante apêlo a tôdas as potências nucleares para que "concordem sem perda de tempo com a suspensão de tôdas as experiências nucleares e estabeleçam um tratado que proíba para sempre tôdas as provas, sejam atmosféricas, extra-atmosféricas, subterrâneas ou subaquáticas".

O apêlo assinala que a proibição das experiências "será o primeiro passo para a destruição completa de tôdas as armas nucleares e de todos os meios de lançamento, sob contrôle estrito". Evocando os benefícios do desarmamento para a elevação do nível de vida dos povos, o documento ressalta que "é preferível propor um compromisso aceitável para todos do que deixar que prossiga a corrida armamentista".

A mensagem, que afirma ser necessária a participação ativa de todos para se alcançar o desarmamento, lança "um apêlo aos governos de tôdas as potências nucleares para que se entendam no prazo mais curto possível para renunciar aos ensaios nucleares".

Camponeses de Todo Mundo Lançam Apêlo: União Para Salvar a Paz

Os representantes de organizações camponesas democráticas de vários países que participaram de 25 a 23 de abril, em Sofia, do [illegible] Congresso da União Agrária Popular Búlgara, encontraram-se para proceder a uma troca de opiniões sôbre diversos problemas atuais da situação internacional e para lançar um apêlo a tôdas as organizações camponesas democráticas do mundo, convidando-as à luta e à cooperação ativa pela paz e pela coexistência pacífica.

O problema mais importante de nossa época é o de assegurar definitivamente uma paz durável no mundo.

Este problema toca no coração de todos os camponeses do mundo. A guerra só traz desgraças aos camponeses. A guerra mata os camponeses, devasta a terra, destrói o fruto do seu trabalho, seus lares. A guerra ameaça e elimina as conquistas do campesinato. Nós somos firmemente contra a guerra, pela paz sôbre a Terra! Conclamamos todos os camponeses reunidos em partidos e organizações agrárias democráticas, a contribuir de modo ainda mais decisivo pelo triunfo da causa da paz.

Estamos profundamente convencidos de que a política de coexistência pacífica é a única que realmente pode salvaguardar a paz na situação internacional atual. Apoiamos inteiramente esta política e tôdas as iniciativas tendentes à sua realização, à compreensão e à cooperação entre os povos. Dirigimos um apêlo a todos os partidos e organizações agrárias para que contribuam infalìvelmente para o estabelecimento da coexistência pacífica e da cooperação entre Estados com regime social diferente!

O desarmamento constitui o problema essencial para o triunfo da paz e da coexistência pacífica.

A corrida armamentista representa o maior perigo de uma nova guerra. Os enormes recursos destinados à produção de armamentos [illegible] e deveriam ser empregados no ascenso econômico e cultural de todos os países, no desenvolvimento da economia rural, para uma vida melhor dos camponeses. Assim, somos contra os armamentos, em favor do desarmamento total e universal. Juntamos nossa voz à de tôda a opinião pública mundial e insistimos para que as conversações sôbre o desarmamento da Comissão de 18 Estados em Genebra, sejam levadas a bom têrmo, aplicando as recomendações da Assembléia Geral da ONU!

Somos contra a utilização da energia atômica para fins militares, contra todos os gêneros de experiências nucleares.

As grandiosas realizações da ciência contemporânea devem servir ùnicamente ao bem da humanidade e da civilização. A energia atômica pode transformar enormes superfícies de terras incultas, assegurar a prosperidade para os camponeses. Eis porque insistimos: a energia atômica deve servir ùnicamente para fins pacíficos. Um acôrdo para a cessação das experiências nucleares pelos Estados que possuem estas armas deve ser concluído. Tudo o que é possível deve ser feito a fim de criar, pela via de negociações, zonas desatomatizadas e desmilitarizadas na Europa Central e Setentrional, na região dos Balcans e do Adriático, na parte asiática do Oceano Pacífico, em tôda a África e América Latina.

Em nome da paz, conclamamos todos os partidos e organizações agrárias a lutar pelo desarmamento total e universal, pela cessação de todos os gêneros de experiências nucleares, pela liquidação de todos os focos de uma nova guerra mundial!

Somos contra o imperialismo, contra tôda a escravização, contra a ingerência nos assuntos internos dos países, pelo princípio de autodeterminação dos povos.

Saudamos o poderoso movimento de libertação nacional dos países subjugados e dependentes da Ásia, África e América Latina.

O colonialismo é uma vergonha de nossa época. Da mesma forma que as diversas tentativas de neocolonialismo, devem ser liquidadas! Os povos libertados do colonialismo constituem uma poderosa fôrça revolucionária na luta atual pela paz e o progresso do mundo. Saudamos unânimemente a obra histórica dos povos libertados. Exprimimos nossa completa solidariedade a todos os combatentes contra o colonialismo e chamamos todos os camponeses, organizados em partidos e organizações democráticas, a apoiar ainda mais ativamente a luta contra o imperialismo, contra o colonialismo.

Ser donos da terra que cultivam — tal é a aspiração secular dos camponeses.

Lutamos em defesa de seus interêsses. Somos contra a política que arruina os pequenos camponeses. Apoiamos decididamente as lutas dos camponeses de numerosos países e de todos os continentes, contra os monopólios, contra o latifúndio, pela reforma agrária, por uma remuneração justa do trabalho. Esta luta é inseparável da luta pela paz e seu êxito está condicionado à união da classe operária e dos camponeses, de tôdas as fôrças democráticas. Consideramos nossas as vitórias conseguidas pelos camponeses em numerosos países.

Estamos profundamente convencidos de que todos os partidos e organizações democráticas dos camponeses, são capazes de contribuir na luta pela paz e a coexistência pacífica. Nas condições de coexistência pacífica, os camponeses e trabalhadores do mundo inteiro têm a possibilidade de melhor se conhecerem, de trocar suas experiências, de cooperar em proveito de todos. O encontro de Sofia é, neste sentido, uma prova eloqüente.

Em nome da paz, da felicidade e da prosperidade de todos os trabalhadores do mundo, conclamamos todos os que atuam nos partidos e organizações democráticas camponesas, a conjugar ainda mais enèrgicamente seus esforços para o triunfo da paz e da amizade entre os povos!

Signatários: **Áustria:** União dos Pequenos Produtores Agrícolas; **Bélgica:** Movimento de Defesa Camponesa; **Brasil:** União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil .... (ULTAB); Ligas dos Camponeses do Nordeste; **Bulgária:** União Agrícola Popular; **Chipre:** União dos Camponeses de Chipre; **França:** Federação Nacional dos Lavradores e Meeiros; **Ghana:** União dos Camponeses de Ghana; **Grécia:** Partido Nacional Agrário; **Itália:** Aliança Nacional dos Camponeses; **Japão:** União dos Camponeses Japonêses; **Polônia:** Partido Agrário Unificado da Polônia, **República Democrática Alemã:** Partido Agrário Democrático Alemão.

PEDRO PAULO: LIGA FEMININA DENUNCIA CRIME À ONU

A Liga Feminina da Guanabara enviou uma carta à Comissão de Direitos Humanos da ONU, denunciando a bárbara tentativa de assassinato cometida contra o menor Pedro Paulo Teixeira por parte do mesmo latifundiário que mandou matar o líder camponês paraibano João Pedro Teixeira, pai do menor agora visado.

A carta faz uma análise das condições sub-humanas em que vivem as populações do campo brasileiro, representando a grande maioria do povo, esperando que aquêle organismo da ONU "denuncie e proteste, junto a quem de direito, pelo atentado à vida de uma humilde criança brasileira, mas que tem os mesmos direitos, sem discriminações, segundo a "Declaração de Direito da Criança", à proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração".

ARARAQUARA EXIGE: GOVÊRNO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICO

Centenas de habitantes de Araraquara, "componentes das mais variadas camadas sociais", firmaram um abaixo-assinado que foi enviado para o presidente da República, em Brasília. Através do documento, os moradores daquela cidade do interior paulista solicitam ao sr. João Goulart "a formação de um Gabinete Nacionalista e Democrático, a fim de que pacìficamente possamos realizar as reformas de base e patrióticas que a nação exige sem demora".

Greve Geral em Santos Foi "Feriado Operário" Por Govêrno Nacionalista

"A greve teve por objetivo a preservação das liberdades democráticas e sindicais, a constituição de um Gabinete nacionalista e democrático e a adoção pelo govêrno de medidas contra a alta do custo de vida e contra os renegadores de gêneros. Defendemos a democracia porque, sem ela, não poderemos utilizar o direito de greve para que sejam atendidas as nossas reivindicações, nem defendermos as conquistas que já obtivemos através de uma luta, nem melhorar a nossa organização nos sindicatos. Por um Gabinete nacionalista e democrático porque apenas um Govêrno dêsse tipo [illegible] contra a carestia, contra o atraso, contra a miséria no Brasil."

Com uma mobilização, de que extraímos o trecho acima, o Forum Sindical de Debates e a União dos Sindicatos da Baixada Santista de Santos encerraram a greve geral de 5 julho, em atendimento ao deliberado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria e pelo Pacto de Unidade e Ação [illegible] Estivadores, Portuários e Ferroviários. O movimento, que contou com o apoio de todo o proletariado e [illegible] setores das camadas médias, logrou [illegible] as atividades portuárias, comerciais, [illegible] partes não só da cidade de Santos, [illegible] cidades da Baixada Santista (Cubatão, Guarujá e São Vicente).

A unidade sindical conseguida na cidade de Brás Cubas permitiu que, num curto espaço de tempo, das 17 às 24 horas, se [illegible] um grande número de líderes operários e se [illegible] fundamentais. Provou-se uma vez mais que a unidade dos trabalhadores é imprescindível para [illegible] tipo, seja de caráter reivindicatório, seja de amplitude política, como o verificado.

PREPARAÇÃO

Desde o início da crise política que se não atravessa, alguns dias após da renúncia do Gabinete presidido pelo sr. Tancredo Neves, o Forum Sindical de Debates discutia a situação e tomava uma atitude. Também êste, como órgão de cúpula do movimento sindical da Baixada Santista, um dos centros mais desenvolvidos do país, não poderia ficar alheio à ansiedade que se operava no poder político. E decidiu [illegible] do Presidente da República e da Câmara dos Deputados a constituição de um Conselho de Ministros nacionalista e democrático, capaz de realizar as reformas de base [illegible], no desenvolvimento do país e ao efícaz combate à carestia e à falta de gêneros.

Visando a colocar de sobreaviso tôdas as categorias profissionais, determinou o FSD que realizassem assembléias sindicais e as mantivesse em caráter permanente, prontas para qualquer eventualidade. Num manifesto sintético, o órgão dos trabalhadores tornou público a sua posição, que foi secundada pela maioria dos sindicatos.

COMÍCIO

A luta não permaneceu, porém, nas assembléias sindicais. Pelo contrário, ganhou as ruas, os locais de trabalho. Nas "paredes" de estivadores, por exemplo, efetuaram-se diversos comícios, em defesa da legalidade democrática, contra os golpistas e por um Gabinete patriótico e democrático. Telegramas eram enviados dos mais diferentes lugares. Os marítimos discutiam o problema permanentemente na sua sede movimentada. Uma assembléia conjunta de operários e empregados portuários manifestou-se nesse sentido. Manifesto idêntico foi aprovado em assembléia da União das Sociedades de Melhoramentos dos Bairros, Vilas e Morros das Cidades da Baixada Santista. A Frente de Libertação Nacional, através do seu núcleo de Santos, apresentou suas exigências ao sr. João Goulart, através de telegrama. E o mesmo fizeram várias entidades estudantis, que ligaram a necessidade de um novo Govêrno à luta dos universitários pela sua participação nas congregações das escolas superiores.

Com a cidade movimentada em tôrno do problema, o Forum Sindical de Debates programou um comício, realizado dia 27 de junho, na Praça da República, a que compareceram cerca de mil pessoas. Na ocasião, mostrou-se como as cúpulas dos partidos reacionários, em particular do PSD, UDN e PSP, opunham-se a qualquer solução que pudesse atingir os privilégios dos esfomeadores do povo. Mostrou-se ao povo que só a sua unidade, a sua atitude enérgica — inclusive através da greve geral, se ela viesse a ser necessária — era a única maneira de fazer o sr. João Goulart enfrentar os golpistas e conciliadores e compor um Govêrno capaz de efetuar as reformas de base, limitar a remessa de lucros, nacionalizar as empresas de serviços públicos de acôrdo com os interêsses nacionais, encampar os frigoríficos e, através dessas medidas, atacar seriamente a inflação e a carestia.

NOVAS MEDIDAS

Diante da rejeição do nome do sr. San Tiago Dantas e da indicação do sr. Moura Andrade para primeiro-ministro, o Forum Sindical voltou a reunir-se dia 2, deliberando preparar concretamente a greve geral, para caso de necessidade. Essa medida foi inspirada pela reunião intersindical realizada domingo, dia 1º, às 9 horas, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Paulo.

Tal resolução, acompanhada da mobilização do trabalho de esclarecimento do povo nos locais de trabalho, facilitou a deflagração da greve geral, na noite do dia 4. Nessa ocasião, os líderes sindicais reuniram-se às 19 horas, na sede do Sindicato dos Operários Portuários, decidindo a Diretoria do Forum Sindical e a Comissão Executiva da USOMS aplicar o que já tinha sido decidido pelos plenários dos dois órgãos. Foi a greve, assim, decretada para a zero hora.

Convém ressaltar que o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Refinação e Destilação de Petróleo, que reúne os operários da Petrobrás na refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, foi o primeiro a tomar essa atitude, por volta das 17 horas. As 22 horas, o pôrto já se encontrava inteiramente paralisado. E às 24 horas, suspendeu-se o tráfego de bondes e ônibus do Serviço Municipal de Transportes Coletivos (SMTC).

PARALISAÇÃO TOTAL

Após a ação dos piquetes durante a madrugada, Santos acordou, no dia 5, com a feição que lhe dão os seus já célebres "feriados operários", ou seja, as suas grandes greves gerais, que atingem todos os setores de atividade. Nada funcionava, a não ser os serviços de luz, gás, telefones, hospitais, farmácias, padarias e armazéns. Carros especiais eram colocados a serviço daqueles que os necessitavam, devido a algum problema urgente. A aplicação das vacinas Sabin nas crianças, que se iniciava naquele dia, não foi atingida: os dirigentes sindicais se comprometeram com o prefeito a fazer rodar ônibus especiais para o transporte das mães e crianças. Todavia, essa providência não foi necessária, pois todos os bairros possuíam postos e a greve só facilitou o trabalho das mães, pois livrou-as das ocupações habituais.

Fato impressionante foi a unidade com que a classe operária e outras camadas trabalhadoras aderiram ao movimento, demonstrando o seu desejo de lutar por um Poder político diferente, representado por um Govêrno diferente dêsses que têm estado à frente da nação. Alguns lugares foram paralisados pela simples comunicação do Forum Sindical de Debates. Outros, pela notícia transmitida através do rádio. Nesse sentido, aliás, é de se destacar o trabalho feito pelas Rádio Cultura de Santos e Rádio Cultura de São Vicente, que noticiaram dia e noite o movimento.

Encerrando a grande luta política do proletariado, contra a carestia, pelas liberdades e por um Govêrno nacionalista e democrático, tanto o Forum Sindical de Debates como a União dos Sindicatos da Orla Marítima realizaram assembléias, na noite do dia 5. Lá, foi ratificado o que já se decidira anteriormente, permanecendo os órgãos sindicais em assembléia permanente, prontos para qualquer outra demonstração de fôrça. Decidiu-se também enviar telegramas ao sr. João Goulart e ao Congresso, dando-lhes conta do movimento e das resoluções finais.

NA BAIXADA

No restante da Baixada Santista, o movimento operário alcançou o mesmo êxito. Em Cubatão, o prefeito e a Câmara Municipal aderiram à greve. Esta transformou o seu salão de sessões em quartel-general da greve, numa atitude democrática que entusiasmou o povo. Em São Vicente, o comércio e a fábrica de vidro pararam, assim como as pedreiras. Em Guarujá, as atividades fundamentais foram encerradas ainda antes das 12 horas.

Em tôda a região, o policiamento foi discreto, não se registrando nenhuma intromissão da polícia ou do Exército no movimento grevista. O comando operário, durante o dia, decidiu cumprimentar o Comando Militar da Região, pela atitude serena com que encarou a greve, alheando-se inteiramente dela e mantendo a tropa nos quartéis.

LINGUAGEM DE ÓDIO

Terminada a grande jornada do povo santista pela democracia e o nacionalismo, não tardaram a se ouvir os porta-vozes das classes dominantes. As associações comerciais de Santos e São Vicente — preocupadas com os lucros dos açambarcadores de gêneros e outros exploradores do povo — enviaram telegramas ao governador Carvalho Pinto, exigindo polícia para massacrar os operários, nos movimentos vindouros. As câmaras municipais dessas duas cidades (por estranha coincidência) também levantaram a bandeira muitas vezes esfarrapada do anticomunismo, visando a apresentar a greve como um movimento de "agitação" e a dividir os trabalhadores. Todavia, tais tentativas estão fadadas ao mais amplo fracasso: ainda quando escrevíamos estas notas, o pôrto tinha sido paralisado, ao ser dada voz de prisão a um trabalhador e a um dirigente sindical. Bastou alguns minutos de braços cruzados para que um atrevido delegado libertasse o líder Valdemar Neves Guerra e dois outros seus companheiros.

Também o Fórum Sindical já convocou sessão extraordinária para tratar de tais pronunciamentos e dar-lhes a resposta devida.

SANTOS BRILHOU

Santos brilhou mais uma vez. Tôda a Baixada paralisou completamente suas atividades em cumprimento à palavra de ordem do Comando Geral da Greve. Ninguém trabalhou no dia 5 de julho, exceto o pessoal do comando local do movimento, que vemos nas duas fotos acima em reunião durante a greve.

FOI TOTAL E ABSOLUTA A GREVE GERAL EM FORTALEZA

Correspondência de Annibal Bonavides

FORTALEZA (5 de julho de 1962) — Eram aproximadamente 17 horas do dia quatro de julho quando chegaram a Fortaleza os cabogramas da CNTI, da CONTEC e da Federação Nacional dos Ferroviários decretando a greve geral dos trabalhadores. Duas horas depois, no vasto auditório da Faculdade de Direito do Ceará, centenas de líderes da Aliança Operário-Estudantil, representando os sindicatos, diretórios estudantis, associações de funcionários públicos e outras organizações populares reuniam-se para deliberar sôbre a imediata paralisação dos transportes coletivos, da indústria, do sistema bancário e das atividades comerciais.

A velha Salamanca estremeceu até os alicerces. Ferroviários, marítimos, estivadores, portuários, tecelões, bancários, universitários e secundaristas desfilaram pela tribuna. O imperialismo norte-americano, os latifundiários, a grande burguesia reacionária e entreguista ligada aos trustes internacionais, foram, então, colocados no banco dos réus. E ràpidamente condenados pela assembléia da classe operária e dos estudantes.

Simultâneamente, cumprindo determinação de suas respectivas direções sindicais, piquetes grevistas ocupavam tôdas as dependências da Rêde Viação Cearense (inclusive o Telégrafo da Estrada), paralisavam todos os serviços do pôrto de Fortaleza, guarneciam portões das fábricas de tecidos e dos bancos e cooperativas.

A GREVE

À meia-noite, encerrada a assembléia dos operários e estudantes, já a greve estava vitoriosa. Sua deflagração fôra assegurada pela consciência e o avançado grau de organização e unidade do movimento sindical do Ceará.

E àquela noite de preparação e vigília, sucedeu a manhã gloriosa de um terceiro CINCO DE JULHO. Dia da primeira greve geral, política, de âmbito nacional, de que há notícia na história do proletariado brasileiro.

O comando central da greve foi instalado na Praça Waldemar Falcão, no coração da cidade. Às sete horas, milhares de grevistas procedentes da orla marítima, das oficinas ferroviárias do Urubu e da zona industrial, concentraram-se na praça, enquanto outros tantos milhares de populares chegavam dos bairros e subúrbios.

Navios, trens, teares e fiações, tudo havia parado. A classe operária dizia **presente**, na cena política, protestando contra a articulação golpista e clamando pela formação de um gabinete nacionalista.

A esta altura, a greve atingira totalmente as alavancas fundamentais da economia de Fortaleza: os transportes (pôrto e ferrovia), a indústria têxtil e o sistema bancário. Não mais funcionavam, também hotéis, restaurantes, sapatarias e oficinas mecânicas. Mas restava o comércio aberto.

Então, o comando central enviou delegações às lojas e armazéns da Praça do Ferreira e adjacências, convidando os comerciários a aderirem ao movimento. Não tardou que tôdas as portas fôssem cerradas. Às nove e meia, fechara-se todo o centro comercial.

COMÍCIO

Às 11 horas, gigantesca passeata de grevistas e manifestantes saiu da Praça Waldemar Falcão, percorreu várias ruas e avenidas, indo até a Praça do Ferreira. Aí, diante da "Coluna da Hora", teve lugar o histórico comício do terceiro Cinco de Julho, o comício da greve geral. Imensa massa humana aplaudiu delirantemente os oradores: padre Arquimedes Bruno, Moura Beleza (presidente do Pacto Sindical do Ceará), professor Américo Barreira, Luciano Barreira e a [illegible] correspondência (Annibal Bonavides) que falou em nome do movimento comunista brasileiro.

Na mesma hora do comício, uma comissão das chamadas "classes produtoras" (comerciantes atacadistas e industriais) visitava o governador Parsifal Barroso, solicitando providências "contra possíveis saques e depredações" e para que fôsse reaberto o comércio... O Governador respondeu que nada poderia resolver, antes de ouvir o comando central da greve. E imediatamente mandou emissário aos presidentes dos sindicatos operários, pedindo que comparecessem a Palácio. Atendido pela direção do movimento, o Governador expôs as "razões" das classes dominantes, apavoradas [illegible] atividade e organização da classe operária. Estavam temendo a subversão de ordem... Então Beleza, o presidente do Pacto Sindical, respondeu ao Governador que o susto das "classes produtoras" era infundado, e que ninguém melhor do que as massas trabalhadoras para manter a ordem. O sr. Parsifal Barroso concordou com os dirigentes sindicais cearenses, acrescentando que apoiava sinceramente a greve política pela constituição de um gabinete nacionalista. Em seguida, s. excia. voltou à presença das "classes produtoras" informando-as de que o comércio continuaria fechado, por decisão inarredável do comando de greve, e que êste assegurara garantir a ordem na cidade.

VIOLÊNCIA

Mas aconteceu que por volta das 16 horas, alguns deputados udenistas e pessedistas, latifundiários, desesperados ante a total e absoluta paralisação dos transportes, da indústria, dos bancos e do comércio de Fortaleza, manobraram na Secretaria de Segurança Pública e conseguiram despachar um contingente de cerca de trinta policiais, armados de metralhadoras, para a Praça Waldemar Falcão. Ali chegando, os beleguins ensaiaram dispersar a concentração operário-estudantil, acionando gatilhos e rugindo ameaças covardes. Energicamente repelidos, portaram-se pelas esquinas, insistindo na intimidação. Finalmente, o comando central da greve exigiu providências do Governador, que imediatamente ordenou a retirada dos policiais.

Às 17 horas, nova passeata percorreu as ruas de Fortaleza, seguindo-se outro comício na Praça Ferreira.

Às 20 horas, a Aliança Operário-Estudantil realizou a segunda assembléia da Greve Geral, na Faculdade de Direito, quando foi anunciado o encerramento da greve para meia-noite.

Cessou assim a greve, mas não a resistência.

A resistência do povo cearense continua, até a formação do gabinete nacionalista. Pôrto, ferrovia, bancos, indústria, comércio, tudo voltará a ser paralisado pela classe operária do Ceará, na hora em que assim fôr novamente determinado pelo comando da CNTI, da CONTEC e das Federações Nacionais dos Ferroviários, dos Marítimos, Estivadores e Portuários.

Em Natal: Greve Passeata e Comício

MARANHÃO EM NATAL

O deputado estadual Luiz Maranhão, do Rio Grande do Norte, estêve presente, participando das atividades dos grevistas que suspenderam o trabalho dia 5 de julho. Na foto vemos o parlamentar quando falava num comício organizado em Natal no dia da greve.

Natal (Do correspondente) — Alcançou grande repercussão nesta capital a greve geral deflagrada no dia 5 de julho, em defesa da legalidade, contra o golpe e por um Govêrno Nacionalista e Democrático.

«Os ferroviários da Estrada de Ferro Sampaio Correia paralisaram os trens na linha de Nova Cruz e do Centro, não permitindo que as composições saíssem nos horários normais.

Os estivadores deflagraram a greve às 7 horas, sendo seguidos pelos portuários, arrumadores, conferentes e marítimos. Na orla marítima a paralisação foi total.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Calçado fêz suspender os trabalhos em várias fábricas.

O Comando de Greve foi integrado pelo Conselho Intersindical, tendo à frente o sr. Luís Cavalcanti de Lima, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria.

Durante todo o dia, os trabalhadores estiveram em sessão permanente nas sedes dos Sindicatos dos Estivadores, dos Portuários e da Federação.

O prefeito Djalma Maranhão, o vice-prefeito Luís Gonzaga dos Santos, e os deputados Luís Maranhão Filho e Aldo Tinoco estiveram nos sindicatos hipotecando solidariedade à greve.

À noite, realizou-se um grande comício na praça Gentil Ferreira, precedido de uma passeata dos estivadores, portuários e carroceiros. A [illegible], com a qual também marchou o deputado Luís Maranhão, saiu do Sindicato dos Estivadores e percorreu o centro da cidade, contando com a participação de cêrca de oitenta carroceiros com os seus veículos de tração animal.

No comício da praça Gentil Ferreira foi intensa a vibração popular, tendo falado numerosos oradores, entre os quais os srs. João Macedo, do Sindicato de Trab. na Indústria do Calçado, Evlin Medeiros, do Sindicato da Construção Civil, Petextrato José da Cruz, do Sindicato dos Estivadores, José Holanda, pela União dos Servidores Públicos, o vice-prefeito Luís Gonzaga dos Santos, acadêmico Danilo Bessa, em nome da União Estadual dos Estudantes, deputados Luís Maranhão Filho e Aldo Tinoco, dr. Natanias von Soshten, lendo uma mensagem do prefeito da Capital e, encerrando a manifestação, o sr. Luís Cavalcanti de Lima, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Rio Grande do Norte.

NOVOS RUMOS

FORTALEZA DOS TRABALHADORES

O comando da greve foi dado de [illegible] no 5 de julho. Com tôdas as atividades do país paralisadas, inclusive comércio, realizaram-se diversos comícios e passeatas em defesa de um govêrno nacionalista e democrático. Na foto, uma das passeatas.